

**UNIVERSIDADE TIRADENTES  
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO EM  
EDUCAÇÃO**

**JOSIANE OLIVEIRA RABELO**

**A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA:** uma reflexão a partir dos contos de fadas dos irmãos Grimm.

Aracaju – 2016

**JOSIANE OLIVEIRA RABELO**

**A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA:** uma reflexão a partir dos contos de fadas dos irmãos Grimm.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha 2 – da Universidade Tiradentes como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Silveira Amorim

Aracaju – 2016

**A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA:** uma reflexão a partir dos contos de fadas dos irmãos Grimm.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha 2 – da Universidade Tiradentes como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Silveira Amorim – PPED-UNIT**  
(Orientadora)



---

**Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Alfrancio Ferreira Dias - PPGED- UFS**  
(Avaliador externo)

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto- PPED-UNIT**  
(Avaliador interno)

Aracaju – 2016

---

R114c Rabelo, Josiane Oliveira.  
A construção da subjetividade feminina: uma reflexão a partir dos contos de fadas dos irmãos Grimm. / Josiane Oliveira Rabelo ;orientação [de] Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Simone Silveira Amorim. – Aracaju: UNIT, 2016.

105 p. il.: 30 cm

Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Educação)

1. Mulheres. 2. Discurso. 3. Moral. 4. Subjetividades. I. Amorim, Simone Silveira. (orient.). II. Universidade Tiradentes. III. Título.

CDU: 159.9.072: 37

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à minha MÃE e a minha tia LÚ, duas mulheres que tenho como meu referencial em minha vida. À minha mãe por me ensinar através de suas lutas diárias todos os requisitos de uma mulher corajosa, forte, amiga e guerreira. Ser mãe e pai ao mesmo tempo foi a maior de todas as suas lutas, te amo muito! A tia Lú minha amiga/mãe e companheira de longas jornadas pessoa querida, que sempre cuidou de mim como se eu fosse sua filha, obrigada por tanto carinho e amor. Ambas ocupam um lugar especial em meu coração. Grandes mulheres, musas inspiradoras.

## EPÍGRAFE

*“mulheres não têm destino, fadário. Mulheres multiplicam as linhas, centenas, milhares, infinitas; mulheres são devir; devir mulher”. (FELDENS, 2010, p. 96).*

## AGRADECIMENTOS

Acreditando que foram muitas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse trabalho, penso que agradecer é uma pequena forma de manifestar todo o meu afeto e gratidão. Desse modo registro aqui meus agradecimentos:

À minha FAMÍLIA, em especial minha MÃE e meu IRMÃO pelo amor incondicional e constante incentivo, mesmo estando a alguns quilômetros de distância, mantiveram-se incansáveis em suas manifestações de apoio e carinho, sempre torcendo pelo meu sucesso: Foi por vocês que cheguei até aqui!

A minha TIA Lucineide por ter permanecido ao meu lado, me incentivando a percorrer este caminho, me apoiando nas horas difíceis e compartilhando comigo as alegrias. AO TIO Reginaldo e PRIMAS Luane e Gabriele, pelo apoio e carinho de sempre.

À MINHA PRIMEIRA ORIENTADORA, Prof<sup>a</sup>. Dinamara Feldens, que possibilitou “aprendizagens únicas” em seu grupo de estudos, pessoa querida que encontrei na vida, agradeço carinhosamente por todos os momentos que vivenciamos juntas desde a graduação até o mestrado. Obrigada pelo apoio, companheirismo e confiança e por ter um dia permitido que eu entrasse no ramo da pesquisa junto com você. Jamais esquecerei da nossa primeira pesquisa de campo que nos rendeu bons frutos. Saiba que suas palavras de incentivo só me encorajaram a seguir adiante, aprendi muito com você tudo que foi necessário para dá esse passo importante em minha vida.

À MINHA SEGUNDA ORIENTADORA E ATUAL, Prof<sup>a</sup> Simone Amorim, pela paciência, incentivo e competência, pois a cada correção de um capítulo foi sempre uma “diversão”, faço suas as minhas palavras rs. Agradeço o apoio para que eu concretizasse essa pesquisa e também a coragem de enveredar comigo neste caminho. Muito obrigada!

AOS AMIGOS de Mestrado que compartilharam comigo esses momentos de aprendizado, especialmente ao amigo Laudelino, parceiro fiel de todas as horas. Rimos, choramos e nos ajudamos mutuamente. Valeram os momentos de conversas,

discussões e distrações. Amizade que se enraizou no decorrer desses anos de luta  
Obrigada por tudo!

AO AMIGO Anderson por está comigo desde a época da graduação, amigos de sala de aula na graduação do curso de história e no mestrado em educação. Foi meu parceiro na pesquisa de campo na época da Fapitec junto com a Dina onde aprendemos a importância de uma pesquisa, adentrando a história de vida das mulheres marisqueiras e seus saberes populares. Uma pesquisa muito importante que contribui para o nosso engrandecimento como pesquisadores e principalmente como seres humanos nos transformando nas pessoas que somos hoje. Obrigada amigo!

À AMIGA Marta Costa, pelo incentivo diário e por compartilhar angústias e dúvidas estendendo sua mão amiga auxiliando-me e dando-me forças nos momentos em que mais precisei.

AO AMIGO Rubens Fontes, pelo carinho e atenção e por fazer parte da enorme torcida que tenho. Obrigada pela amizade e pelo incentivo!

AOS PROFESSORES da época da graduação, meus amigos Rogério, Silvânia e Daniel pelo carinho e incentivo de todas as horas. Tenho orgulho de ter sido aluna de vocês!

O meu AGRADECIMENTO todo especial à PROFESSORA Silvânia, por ter acreditado em meu sonho desde o seu início, sempre torcendo por cada etapa vencida nas fases de seleção do mestrado, e quando finalmente fui aprovada, foi muito generosa estendendo sua mão amiga no momento em que mais precisei, jamais esquecerei tamanha generosidade. Obrigada por tudo!

AO PROFESSOR José Carlos, por nunca duvidar da minha capacidade e coragem, alguém que admiro como pessoa e como profissional competente que é. Sua determinação e sua história de vida só me encorajou a lutar cada vez mais pelos meus objetivos. Obrigada por me incentivar sempre!

AOS AMIGOS DE BELÉM, que mesmo distante estiverem sempre na torcida por mim, especialmente Layana Roberta e Juliana Valezi.

AOS PARENTES que estão distantes, tias, tios, primas e primos, pelo apoio e palavras de incentivo.

À UNIVERSIDADE TIRADENTES, pela contribuição da bolsa de estudos, que foi muito importante para a realização dessa pesquisa.

À Profª Raylane Navarro pela significativa contribuição apresentada durante o exame de qualificação e pela participação na banca de defesa.

À Profª Marcia Baltazar por todos os elogios e contribuições no exame de qualificação.

AO Profº Alfrancio Ferreira Dias, por aceitar prontamente fazer parte da banca de defesa.

À Professora Cristiane Porto pela amizade e por aquele insistente jeitinho de perguntar a quantas andava a dissertação. “Tome jeito menina, acaba logo essa dissertação senão ela acaba com você” rs. Obrigada pelo carinho e a amizade, jamais esquecerei de você fazendo as leituras incentivadoras de Rubem Alves durante as aulas de mestrado.

AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES, representado pela Profº. Drº. Cristiano Ferronato, a que tenho enorme admiração e afeto pelos momentos partilhados e suas palavras de incentivo quando ainda me via perdida no meu pesquisar. Lembro-me do dia que você olhou para mim e para o amigo Laudelino e disse: Não se preocupem! Vocês irão conseguir! E aqui estamos nós, frutos de grandes incentivadores que acabam que fazendo parte de uma das etapas importantes de nossas vidas. Agradeço também a todos os professores que fizeram parte desse caminhar. Enfim, a todos aqueles que de uma maneira ou de outra contribuíram para que este percurso pudesse até aqui ser concluído. Outras etapas virão e com elas a vontade e o desejo de vencer. MUITO OBRIGADA!!!

## RESUMO

Esse trabalho objetiva pensar a figura da mulher presente nos contos de fadas nas obras dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, escritores de contos folclóricos que resgatavam das origens e saberes populares o espírito romântico de contos de fadas e lendas da cultura ocidental. Desta forma os contos selecionados para esse estudo foram os clássicos da Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho, contos populares adaptados e escritos pelos irmãos Grimm na Alemanha do século XIX. Ressalto o papel social que foi criado sobre a mulher através dos discursos moralizantes contidos nessa literatura e que ainda hoje trazem consigo os resquícios de um passado com suas práticas discursivas, construindo e moldando mulheres. A produção de subjetividades apresentada nos discursos desses contos é a problematização aqui realizada, pois foram se construindo mulheres a partir do modelo de feminilidade idealizado pela sociedade ocidental. Ressalta-se que o objetivo principal dos contos era apontar padrões sociais para as crianças e adultos tendo por finalidade instruir o jeito de ser e agir principalmente de mulheres na sociedade, moldando-as dentro dos padrões estabelecidos para a época. Fadas, bruxas, princesas e príncipes são personagens que compõem as histórias dos contos escritos pelos folcloristas como metáforas do próprio homem, sujeitos às ordens morais e aos códigos de comportamento social. Esse pensamento patriarcalista encontra-se impresso no literário subliminarmente protegido pela fantasia dos contos de fadas e seu mundo encantado. Para compor meu referencial teórico utilizo Clarisse Pinkola Estés (2005), que trata dos contos de Grimm em sua versão tradicional. E para a compreensão do discurso e moral, trabalho com os filósofos da diferença: Foucault (1969,1971; 1976; 1979; 1996,1994, 2005), e Nietzsche (2002,2006, 2007). E outros pesquisadores que traçam conexões com a mesma linha de pensamento desses filósofos como Louro (2007, 2010, 2013, 2015) e Feldens (2008, 2014) para utilizar os conceitos de gênero e subjetividade. E outros autores que estarão presentes na construção desse trabalho, os quais me auxiliaram nessa escrita. Trata-se aqui de uma pesquisa bibliográfica, buscando inspiração na cartografia, conceito utilizado pelos filósofos da diferença, com o método de abordagem qualitativo.

**Palavras-chave:** Mulheres. Discurso. Moral. Subjetividades.

## RESUMEN

Este documento pretende pensar la figura de esta mujer en los cuentos de hadas en las obras de los hermanos Jacob y Wilhelm Grimm, escritores de cuentos populares que rescataron los orígenes populares y el conocimiento del espíritu romántico de los cuentos y leyendas de la cultura occidental. De esta manera las historias seleccionadas para este estudio fueron el clásico de la Cenicienta, Blancanieves y Caperucita Roja, cuentos populares adaptados y escrita por los hermanos Grimm en la Alemania del siglo XIX. Hago hincapié en el papel social que se creó en las mujeres a través de los discursos moralizantes contenida en esta publicación y que todavía traen consigo los restos de un pasado con sus prácticas discursivas, la construcción y que configuran las mujeres. La producción de subjetividad presentado en los discursos de estos cuentos es el cuestionamiento lleva a cabo aquí, ya que se estaban construyendo las mujeres del modelo de feminidad idealizada por la sociedad occidental. Se hace hincapié en que el objetivo principal de las historias era señalar las normas sociales para los niños y adultos con el fin de instruir a la forma de ser y actuar, principalmente de las mujeres en la sociedad, darles forma dentro de los estándares establecidos por el momento. Hadas, brujas, princesas y príncipes son caracteres que componen las historias de los cuentos escritos por folcloristas como metáforas del hombre mismo, con sujeción a las órdenes morales y códigos de conducta social. Este pensamiento patriarcal se imprime en el subliminal literaria protegida por la fantasía de los cuentos de hadas y su mundo encantado. Para componer mi uso teórico Clarisse Pinkola Estés (2005), que se ocupa de los cuentos de Grimm en su versión tradicional. Y para la comprensión del habla y de la moral, el trabajo con la diferencia de los filósofos Foucault (1969,1971; 1976; 1979; 1996, 1994, 2005) y Nietzsche (2002,2006, 2007). Y otros investigadores rastrear las conexiones a la misma línea de pensamiento de estos filósofos como Rubio (2007, 2010, 2013, 2015) y Feldens (2008, 2014) para utilizar los conceptos de género y subjetividad. Y otros autores que estarán presentes en la construcción de esta obra, lo que me ayudó en este escrito. Esto se trata de una investigación bibliográfica, encontrar la inspiración en la cartografía, concepto utilizado por los filósofos de la diferencia, con el método de enfoque cualitativo.

**Palabras clave:** las mujeres. Discurso. Moral. Subjetividades.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 FRAGMENTOS DA MINHA HISTÓRIA/ NARRATIVAS DO EU.....</b>	<b>24</b>
2.1 O Colégio Religioso: a produção de subjetividades .....	28
2.2 Caminhando na direção de um sonho: narrando o encontro .....	31
<b>3 O SURGIMENTO DAS HISTÓRIAS POPULARES E AS NARRATIVAS DOS CONTOS DE GRIMM.....</b>	<b>47</b>
<b>3.1 A Gata Borralheira/Cinderela: narrando a história.....</b>	<b>58</b>
3.1.1 Além do olhar das narrativas: Cinderela domesticável e a busca do final feliz.....	61
<b>3.2 A Branca de Neve: narrando a história .....</b>	<b>66</b>
3.2.1 Além do olhar das narrativas: Branca de Neve, beleza, corpo e poder.....	70
<b>3.3 Chapeuzinho Vermelho: narrando a história.....</b>	<b>73</b>
3.3.1 Além do olhar das narrativas: mulher, educação e obediência .....	76
<b>4 A CONSTRUÇÃO DA MORAL OCIDENTAL E SEUS RESQUÍCIOS NA CONTEMPORANEIDADE.....</b>	<b>80</b>
4.1 Uma escola de princesas: a reinvenção de como ser mulher.....	90
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Ainda há caminhos para percorrer .....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>

## LISTA DE FIGURAS

### FIGURA 1

Foto: Crianças em miniatura retratada pela obra de arte de Diego Velásquez

Fonte: [http://www.versoseuniversos.com.br/versos\\_e\\_universos\\_da\\_arte/artes\\_d\\_alma/diego\\_rodrigues/diego\\_rodrigues\\_da\\_silva\\_y\\_velazquez.htm](http://www.versoseuniversos.com.br/versos_e_universos_da_arte/artes_d_alma/diego_rodrigues/diego_rodrigues_da_silva_y_velazquez.htm).....49

### FIGURA 2

Foto: A Gata borralheira sendo recebida pelo príncipe no baile da realeza

Fonte: ESTÉS, Clarissa Pinkola, Contos do Irmãos Grimm. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.....59

### FIGURA 3

Foto: Branca de neve sendo socorrida pelos anões.

Fonte: ESTÉS, Clarissa Pinkola, Contos do Irmãos Grimm. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.....69

### FIGURA 4

Foto: Chapeuzinho Vermelho

Fonte: ESTÉS, Clarissa Pinkola, Contos do Irmãos Grimm. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.....75

### FIGURA 05

Foto: Espaços da escola, onde são ministrados os cursos.

Fonte: <http://escoladeprincesas.net/ws/#galeria-de-fotos>.....95

### FIGURA 06

Foto: Chá de Princesas, meninas em curso de etiqueta

Fonte: <http://escoladeprincesas.net/ws/#galeria-de-fotos> .....98

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação se configura em um trabalho de pesquisa que versa sobre a mulher nas narrativas dos contos de fadas e seu papel imposto pela sociedade ocidental cristã, a partir dos discursos que circulavam sobre o feminino e que fixaram uma posição social para as mulheres. É dentro dessa perspectiva que venho trazendo nesse trabalho “as marcas” de um passado que inventou uma verdade a partir do enunciado discursivo de como é ou deveria ser e agir uma mulher em sociedade.

Pontos detectados na escrita da história dos contos, cujo o escritor era do sexo masculino, traziam em sua escrita uma mulher totalmente normatizada tendo como base os padrões de uma época, onde a mulher deveria ocupar primeiramente o papel da esposa fiel, cuidadora do lar e dos filhos. Se jovem deveria ser gentil, pura e recatada. Outras características bem peculiares foram-lhes atribuídas com o decorrer do tempo e trouxeram resquícios dessa feminilidade para o período contemporâneo, como será apresentado na última seção desse trabalho com a “escola de princesas”.

A pretensão dessa pesquisa não é de “construir” ou “fixar” um papel que nos foi dado. A palavra certa seria “desconstruir”, repensar o que a invenção do ocidente trouxe para as mulheres, para que não sejamos reprodutores do discurso de uma verdade imposta por uma sociedade moralista e opressora. Sobre essas “marcas” deixadas pela nossa história e sua tradição em que os valores morais sempre foram superiores a nós, definindo o jeito de agir e pensar da humanidade, criando sujeitos obedientes a suas ordens, normatizando corpos. Feldens (2008) no aponta que:

A responsabilidade de pensarmos nossa história está em poder ir desfazendo nossas marcas de “nascença”, as marcas que deixamos que nos nomine, que nos conduza, que nos lembre de quem somos, de onde estamos e de todas as marcas que possuímos em nossas peles. Então nascemos já nascidos prenhes de nosso tempo e reféns de seus limites. (FELDENS,2008, p.42).

Para tanto esse trabalho objetiva pensar a construção da subjetividade feminina presentes nas narrativas dos contos de fadas dos Irmãos Grimm (Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho) buscando investigar, dentro dessas narrativas, os discursos pedagógicos de moralização que operavam nessas histórias em relação ao papel da mulher. Com isso procuro compreender também como essas narrativas dos contos de fadas podem influenciar na construção de subjetividades femininas e nos aspectos morais do ser “mulher” através dos mecanismos educativos presentes nos signos e significados desses contos, que têm em seus discursos a produção de uma verdade sobre a mulher e sobre a vida.

Para tal, buscar-se-á fazer uma reflexão acerca da “moral”, mais especificamente sobre a moral cristã, que representa os resquícios de uma sociedade machista e que foi, ao longo do tempo, interferindo na construção de um corpo e de uma subjetividade feminina, no seu modo de agir, de pensar, de sonhar, de ser mulher. Por ‘moral’ entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédios de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas, etc. (FOUCAULT, 1984, p. 26). Essa é uma pesquisa bibliográfica, com inspiração na cartografia, um método qualitativo de abordagem. As fontes que estão sendo utilizadas nesse trabalho são os livros, artigos e os contos.

Formular um problema de um objeto de estudo a ser pesquisado é para Corazza (2000), “indagar se aquele elemento do mundo – da realidade, das coisas, das práticas, do real – é assim tão natural nas significações que lhe são próprias” (p. 118). Essas escolhas nunca são aleatórias, pois são, na verdade, fruto de um desassossego antigo.

O fato é que as histórias infantis dos contos de fadas e o mundo daquelas mulheres que ali se encontravam nas entrelinhas de cada narrativa, despertaram-me uma imensa curiosidade em pesquisar e estudar o que havia por trás do mundo mágico e fantasioso dos contos.

Como é que nos tornamos fortes para explodir as formas como lemos, compreendemos, pensamos? [...]. Qual é o grau de paixão que se necessita ter com o problema, para que aceitemos ficar, por

um longo tempo, estudando e pensando sobre ele? (CORAZZA, 2000, p. 119).

Por ter lido e escutado muito sobre a literatura dos contos nas versões tradicionais, optei por trabalhar a versão dos alemães, os irmãos: Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), colecionadores de contos folclóricos, que resgatavam das origens e saberes populares o espírito romântico dos contos de fadas e lendas da cultura ocidental. Desta forma os contos selecionados para esse estudo e que trago como meu objeto de pesquisa, são os clássicos da Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho, contos populares, compilados e adaptados pelos irmãos Grimm na Alemanha no início do século XIX, com o destaque para a figura da mulher e os discursos moralizantes inseridos nessas narrativas, utilizando alguns conceitos dos filósofos da diferença. Sobre a criação conceitual de uma pesquisa. Corazza, Tadeu e Zordan (2004), afirmam que:

O mais elevado poder do pensamento desta pesquisa é a criação, não a faculdade da verdade, digna do paradigma lógico-cognitivo ou racionalista, mas a do novo, a da criação de sentido, própria da filosofia. Desse modo, os 'resultados' e os conceitos criados por ela são sempre verdadeiros, segundo a verdade que eles conseguem produzir, introduzir no mundo, atravessar, passar. Eles são sempre, portanto, 'resultados' indiscutíveis, não-criticáveis, já que a sua rejeição em favor de outros resultados-conceitos tem sempre por condição outros problemas de pesquisa e outras imagens do pensamento (CORAZZA *et al*, 2004, p. 32).

Portanto, tendo em vista os objetivos que compõem esse trabalho e, partindo dos ideais metodológicos dos filósofos da diferença<sup>1</sup>, faço uso da escrita cartográfica inspirada no pensamento de Deleuze e Guattari (2006, p. 48) que consideraram a cartografia como uma maneira de pensar a subjetividade: "numa cartografia, pode-se apenas marcar caminhos e movimentos, com coeficientes de sorte e de perigo. [...] análise das linhas, dos espaços, dos devires". Ressalta-se também que a cartografia não é um método de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Os filósofos da diferença são homens que buscavam pensar uma transformação do saber e uma nova maneira de viver a vida, indagando as formas de como foram criadas as subjetividades e, a partir disso, foram os responsáveis por problematizar o funcionamento do domínio do que é subjetivo.

A cartografia, como inspiração para a realização de uma escrita cartográfica, vem sendo utilizada por pesquisadores que estudam a subjetividade e a singularidade humana. Na verdade, o que um cartógrafo procura são os processos e devires na busca da origem do funcionamento de conhecer os modos de subjetivação. Para Farina (2011).

Cartografar o subjetivo tem a ver com atender às conexões que ele estabelece com o mundo no presente. Nessa perspectiva, uma pesquisa não desenha um mapa fixo ou histórico, mas estuda as relações, os encontros com o mundo, as forças em movimento desprendidas nesses encontros, enquanto eles acontecerem. (p.10).

A construção de um objeto de estudo é algo muito particular. Faz parte da singularidade pessoal do pesquisador. Cada pessoa tem uma maneira diferente de construir os modos de como realizar a sua pesquisa, traçar seus procedimentos e métodos. Penso também a cartografia como a liberdade de criação, como um desenho em uma obra de arte, cujo o pintor vai traçando os movimentos, cruzando linhas até serem transformados em uma paisagem. Cartografar é criar!

Em certos momentos da escrita desse trabalho tomei a liberdade de sair das regras acadêmicas e mesclar o “eu” em sua primeira pessoa do plural e do singular, porquanto a cartografia permite a singularidade do pesquisador, pois ela é a gênese da criação, da liberdade. Desata os novelos da pesquisa para deslocá-la na trajetória, capturando os devires. E assim sigo amparada pelo meu referencial teórico construindo meu mapa de diferentes linhas, trançando os conceitos e analisando os cruzamentos dessas linhas a partir do estudo de suas obras, cartografando os movimentos que operavam sobre a figura da mulher nos contos de fadas, investigando, assim, o processo de produção de subjetividades.

É dentro dessa perspectiva que utilizo os autores que seguem a linha da filosofia da diferença como: Foucault (1969, 1971, 1976, 1979, 1986, 1996,1994,2005) e Nietzsche (2002, 2006, 2007, 2012). Considerando que a produção de subjetividades em um sujeito está associada aos discursos que produzem sobre ele, na análise do discurso em Foucault, interessa o estudo das relações de poder. Dessa maneira, investigo os discursos que operavam nessas

obras em relação ao papel que foi criado para a mulher, compreendendo os mecanismos de poder na construção desse modelo de ser mulher. Este, porém se manifesta a partir do conjunto de relações de forças que induzem a todo e qualquer tipo de desigualdade (sociais, culturais, econômicas, políticas e sexuais). Relações de poder que compõem os discursos e corroboram para a produção da subjetividade, pois o poder que está em toda parte e se manifesta no centro do controle da sociedade!

Que o poder não é qualquer coisa que se adquire, se arranca ou partilha, qualquer coisa que se guarda e se deixa escapar; o poder exerce-se a partir de um sem-número de pontos e num mecanismo de relações não igualitárias e móveis; que as relações de poder não estão em posição de exterioridade relativamente a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mais que lhes são imanentes; elas são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrios que aí se produzem e são reciprocamente as condições internas dessas diferenciações; as relações de poder não estão em posições de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de recondução; elas tem onde funciona um papel diretamente produtor [...]. (FOUCAULT, 1994, p.97).

A dominação e o poder que nos foram impostos pela sociedade, construiu homens e mulheres com diferentes papéis. Essa criação sociocultural definiu a mulher como uma figura passiva, submissa e frágil dentro das histórias dos contos de fadas. Um problema a ser analisado para pensarmos a problemática da produção de subjetividade feminina nesses contos que trazem consigo uma lógica patriarcal opressora que vai se apresentando subliminarmente protegido pela máscara do mágico e da fantasia. A subjetividade é apresentada na fase genealógica dos estudos de Foucault, como uma construção histórica e isso se dá na relação com o discurso que produz o sujeito. Portanto subjetividade e discurso estão relacionados.

[...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56)

O discurso é definido na obra: *A arqueologia do saber* (1969) de Foucault como uma prática social. Sua análise esteve sempre imersa na produção do poder e saber, para o filósofo as práticas sociais estiverem sempre amarradas com as relações do saber. Desde o nosso nascimento, o mundo já era da linguagem e os discursos já estavam em prática na sociedade. E fomos aos poucos nos tornando sujeitos em decorrência dessa prática discursiva, que deu a nós um conceito de verdade a ser seguido, o qual nos tornou escravos da moral.

E para pensar a moral que perpassa as narrativas dos contos de fadas utilizo a análise do conceito de moral feita a partir do texto escrito pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900): “A Genealogia da moral” publicada em 1887. Essa proposição convalida-se por ser possível detectar nas narrativas dos contos alguns pontos dos valores morais, colocados no contexto dessa literatura. Portanto, essa obra irá nortear a compreensão da questão do surgimento dessa moral, como também denunciar esses ditos “valores morais” que estão inseridos nas narrativas dos contos de fadas. E sobre esses valores morais Feldens (2008) nos afirma que:

Este movimento que foi se compondo em nossa sociedade entre os valores morais e leis; entre a história, o passado e um presente inatingível; entre o nascer nascido e suas fugas potencias vai engendrar o bom e o mau, o certo, o errado, o justo, o que se deve obedecer, o que se deve ser etc. (2008, p.43).

Tem-se em vista que foi a partir do contexto da história da humanidade no ocidente que Nietzsche aplicou a sua análise genealógica, com destaque em três origens: a dicotomia bem/mal, o da má consciência e do ideal ascético. No qual cada análise remete ao homem em decadência, sempre com o sentimento de culpa, deixando-o fadado a viver em uma eterna dívida consigo mesmo e com os outros, com a sociedade, com a vida.

A obra- prima do sacerdote ascético para produzir na alma humana está música estática foi a perfeição do sentimento de ‘culpabilidade’. A origem deste sentimento já está indicada no precedente ensaio: questão de psicologia animal e nada mais. Mas este sentimento brutalista da falta, em mãos do artista sacerdotal,

começou a tomar forma. E que forma? O 'pecado', porque tal é o nome dado ao sacerdote a 'má consciência' animal, (' a crueldade interiorizada'); o pecado é o acontecimento capital na história da alma doente, é a frase mais nefasta da interpretação religiosa. (NIETZSCHE, 2002, p.98).

Para sermos castigados por algo considerado "errado" a religião inventou um pecado e a partir disso fez com que carregássemos uma culpa e junto com essa culpa o ressentimento de um devedor. Inventou também o que poderia ser correto e justo na humanidade nos colocando reféns de sua vigilância e com isso o sentimento da dívida para com a divindade só cresceu e precisava ser amenizada. " Refiro-me ao que dizem que o castigo tem a propriedade de despertar no culpado o 'sentimento da falta', e que é o verdadeiro instrumento desta reação psíquica que denomina 'má consciência' ou 'remorso'[...]. (NIETZSCHE, 2002, p.48). Pagar a dívida através da veneração e da fé, prestando obediência a divindade maior. É sermos vigilantes além de sermos vigiados por contas dos atos incorretos considerados pecaminosos para a Igreja, esse é o ideal de mulher e homem cristão. A moral modelar, marcando corpos com um selo de uma vontade imposta!

Para pensar a mulher e os estudos sobre Gênero e subjetividades , utilizo também os pesquisadores que traçam conexões com a mesma linha de pensamento dos filósofos da diferença como: Louro (2007, 2010, 2013, 2015), historiadora e pesquisadora reconhecida diante dos estudos de gênero, sexualidade e educação, pesquisando a construção da subjetividade feminina através da história da mulher, com destaque também para o conceito de gênero feminino, minha categoria de análise, no qual, nessa pesquisa, proponho pensar a mulher a partir do processo de produção de subjetividade dentro das narrativas dos contos de fadas, revendo as teorias discursivas que foram construídas sobre o feminino e com isso foram fixando um papel social para a mulher, construções sociais carregadas de poder.

Louro (2010, p11) nos chama atenção para esse aspecto afirmando que as: "identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são modeladas pelas redes de poder de uma sociedade".

Precisamos refletir sobre esse perfil de mulher, sobre a singularidade dessa mulher que estagnou-se no tempo deixou de acontecer por conta da moral criada sobre seu “eu” subjetivo! Sobre subjetividade trabalho com: Feldens (2008,2014) que me ajudou a compreender sobre o processo de produção de subjetividades.

Toda a ação que está organizando as materialidades de nossa sociedade produz subjetividades. Toda a subjetividade é coletiva e singular e todo o movimento, todo o deslocamento e afecções produzem subjetividades. Uma ação pode produzir agenciamentos desta subjetividade assim como suas linhas de fuga; são ações que produzem o tempo e todo o tempo estamos atravessados por ambas as linhas e mais ainda outras mais (FELDENS, 2008, p.83).

Para Feldens (2008) desde a história da humanidade existem linhas que vão compondo o nosso existir. Essas linhas produzem subjetividades e também os agenciamentos dessas subjetividades a partir de uma determinada ação. A história dos contos de fadas e todo o discurso que perpassar as entrelinhas do tempo em que essas histórias foram escritas, produziram mulheres, demarcando seu espaço no tempo histórico.

Trabalhar com o conceito de Gênero como uma categoria de análise é procurar entender homens e mulheres em seu contexto histórico, objetivando desvendar os discursos das relações sociais que transformam a mulher como um ser inferior ao homem trazendo e mostrando o perfil da mulher oprimida em casa, no mercado de trabalho, nas instituições públicas e privadas em todas as instancias da vida social. Os estudos de gênero no leva também a refletir sobre o processo de construção do feminino e masculino, e sua relação com a sexualidade e representações dos corpos.

O trabalho com os contos de fadas me permitiu conhecer a obra de Estés (2005) que versa sobre a coletânea que reuniu diversos contos na versão tradicional dos Irmãos Grimm do início do século XIX, dentre eles as narrativas da Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho vermelho, que estudei para essa pesquisa. Na obra a autora além de mostrar as histórias desses contos, está discorre também sobre a moral e o simbolismo dessas narrativas compiladas pelos Grimm, com um olhar voltado mais para a psicanálise. O que não me detive para o estudo dessa pesquisa. Sua obra foi importante pela versão tradicionalista dos

contos que precisei retomar, com o intuito de perceber os alicerces de uma pedagogia da moralização.

O referencial teórico no qual sustenta e fundamenta a realização desse trabalho foram importantes para a compreensão de conceitos e experiências que foram exploradas durante o trilhar desse estudo e que me serviram para problematizar e interpretar as informações obtidas nessas experimentações do meu pesquisar.

Na primeira seção intitulada de: Fragmentos da minha história/narrativas do eu, venho cartografando fatos que marcaram a minha história de vida, utilizando os escritos do filósofo Walter Benjamin para falar sobre narrativas no sentido de intercambiar experiências. Fiz essa escolha pelo fato de que os discursos presentes nas narrativas dos contos de fadas têm relação com o discurso autoritário pedagógico das instituições de ensino, e que também se fazem presentes na instituição familiar, que demarcam e delimitam espaços para homens e mulheres. Isso tudo se deve ao fato de que essas histórias foram narradas ao longo do tempo sendo um grande veículo eficaz de moralização tanto para crianças, quanto para os adultos. É neste sentido que capturo alguns momentos do meu mapa nesse labirinto de múltiplas entradas e saídas que a inspiração da escrita cartográfica me permite, traçando novas possibilidades do devir e fazendo uso dos conceitos que serão explorados nesse trabalho como: gênero, discurso, moral e subjetividades.

Na segunda seção intitulada de: O surgimento das histórias populares e as narrativas dos contos de Grimm. Trato sobre a origem dos contos de fadas, e sua influência na literatura com o objetivo de moralizar. Venho também narrando os contos, e destacando os principais conceitos trabalhados nessa pesquisa, discorrendo sobre como a mulher é representada nos contos da Branca de Neve, Cinderela e Chapeuzinho Vermelho e como veio sendo construída a ideia da disciplina, obediência e moral nas narrativas.

Na terceira seção intitulada de: A construção da moral ocidental e seus resquícios na contemporaneidade, discorro sobre a construção da moral no ocidente cristão inspirada na obra do filósofo Nietzsche (2002), bem como as

marcas deixadas nessa sociedade. Trato dos contos como objeto no qual venho denunciando a sociedade ocidental que produz mulheres através de suas práticas discursivas de poder no qual as histórias narradas trazem em seu discurso uma mulher totalmente moldada aos padrões da sociedade da época, mulheres que foram produzidas pelos diferentes grupos culturais em diversas instâncias através de um pensamento patriarcal. Ainda nessa seção trato sobre “A escola de princesas” existente no Brasil, como sendo uma referência aos tradicionais contos de fadas vivenciados na contemporaneidade, mostrando que, ainda hoje, os resquícios de uma sociedade patriarcal recaem sobre a mulher como um peso de um passado. Apresento uma instituição que modela meninas de 04 a 15 para viver a vida ilusória dos contos de fadas.

## 2 FRAGMENTOS DA MINHA HISTÓRIA/ NARRATIVAS DO EU

Com base nos escritos do filósofo alemão Walter Benjamin (1892 – 1940), que via na narrativa a “*faculdade de intercambiar experiências*”<sup>2</sup>. Vou narrando os fatos, acontecimentos e afetos que percorreram a minha trajetória de vida até chegar ao meu objeto de estudo. Fazendo isso, mostro um pouco da minha experiência, tentando introduzir o leitor em momentos por mim vividos e colocando aqueles que estiveram comigo nessa caminhada como participantes dessa experiência. Para Benjamin (1994), na narrativa, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (p. 201).

O filósofo aponta que a arte de contar uma história é um acontecimento que não tem fim, é algo infinito, “[...] pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”<sup>3</sup>. A narrativa não é uma lembrança acabada de uma experiência, ela se reconstrói a todo momento em que é narrada. É sobre esses acontecimentos, momentos marcantes, trocas de experiência vivenciadas no decorrer da vida, que traço aqui uma linha do tempo para compartilhar fragmentos da minha história.

Quando criança eu era uma menina que se encantava com as historinhas infantis que eram lidas por minha professora na escola. Durante a minha infância, os livros de contos de fadas eram uma das minhas melhores distrações. Meu mundo era o faz de conta. Um mundo da imaginação onde tudo poderia tornar-se possível. Nesse mundo mágico eu poderia ser a princesa encantada, a fada ou a bruxa, e tudo o mais que minha imaginação pudesse criar nesse mundo de magia e encantamento proporcionado pelos contos infantis. Eu poderia ser e fazer qualquer coisa, pois na medida que essas histórias eram narradas para minha turma, a compreensão profunda da essência desses contos, era sentida pelo

---

<sup>2</sup> Benjamin, W. (1994). Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política (7a ed.). São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 205.

<sup>3</sup> Benjamin, op cit. p. 37.

coração, pela mente e alma de criança. “Para as crianças o mundo é um vasto parque de diversões. As coisas são fascinantes, provocações ao olhar. Cada coisa é um convite”. (ALVES, 2004, p. 10.). E assim eu fui convidada a viver no mundo das fadas.

Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve eram minhas narrativas prediletas e que mais me chamavam a atenção, não só pela fascinação do enredo, mas pelo encantamento do resultado que dava fim à história: o sempre e esperado final feliz! Assim é narrado no conto da Cinderela, por exemplo, pois a moça vivia em uma condição de escrava e no final da história sai da fase de borralheira para virar princesa e se casar com o lindo príncipe.

Um dia perguntei à professora Derselhes da 1ª série A, da escola onde eu estudava: tia, quando eu crescer serei uma princesa? A professora entusiasmada respondeu: Toda mulher é uma princesa e você também será quando crescer, terá seu castelo e seu príncipe! Sorri e me conformei com a resposta dada pela professorinha contadora de histórias infantis. A imaginação faz parte da fase do encantamento da criança! O psicanalista Bettelheim (2002, p. 5) afirma que: “Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções”.

Estimular a imaginação de uma criança a partir da ideia de ser uma princesa, é ensinar e produzir meninas desde cedo a serem obedientes aos valores de feminilidade que são impostos culturalmente pela sociedade, conforme mencionado por Simone de Beauvoir (1967) em **O segundo sexo: a experiência vivida**: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9), ou seja, a feminilidade adquirida de valores culturais foi ensinada às meninas desde muito cedo. E esse valor cultural, esteve sempre ligado à passividade e dependência. Ensinando meninas a se tornarem a mulher doce, passiva, cuidadora do lar e dos filhos e isso sempre nos foi ensinado e imposto desde a infância.

Do que as crianças (meninas) brincam? Em sua maioria brincam de bonecas (treinadas para serem mães). Carregam em seus braços uma boneca bebê dada por seus pais, cuidam da boneca como se fosse um filho dando comida, dando banho, trocando a roupinha e tendo todos os demais cuidados que são dispensados a um bebê. Crescendo com a certeza de que o que lhes foi ensinado é da natureza feminina e faz parte do instinto de ser mulher.

Para os meninos cria-se o estereótipo do príncipe, pois usam roupas na cor azul quando bebês, brincam com os super-heróis, aprendem a ser fortes, protetores e salvadores. As meninas vestem roupas na cor rosa, representação da meiguice de uma mulher (uma princesa). As brincadeiras são separadas, os meninos brincam com os seus carrinhos, jogam futebol, brincam com os seus super-heróis e brincam com outros meninos. Já as meninas brincam com meninas, com as suas bonecas, jogos de louça de cozinha rosa. Assim, essa representação de que a menina tem mais interesse em brincar com coisas voltadas ao cuidado é fruto de uma construção social, pois foram as formas impostas pelas quais os sujeitos foram sendo construídos a partir dos discursos em meio a relações de poder. A menina não podia ter interesse em brincar com os brinquedos dos meninos, porque eram meninas e esses brinquedos não eram apropriados para o seu perfil, meiguinho e doce como deveria crescer, uma verdadeira princesinha.

Mas o que é ser uma princesa? Se levarmos em consideração o século XIX, período no qual os contos foram compilados pelos folcloristas alemães, podemos notar que antes deles, outros narradores já haviam eternizados as princesas em suas obras. Cinderela e Branca de Neve remontam à Idade Média, são histórias populares que nasceram no medievo e eram reproduzidas pelos seus autores de acordo com a forma pela qual a sociedade era vista por eles. Além disso, os contos chamados tradicionais apresentam em suas histórias os membros da nobreza (rei, rainha, príncipe e princesa) devido à sua importância para a sociedade da época.

As mulheres que se apresentam como personagens principais dos contos foram transformadas pelos seus idealizadores (homens) através da escrita, em figuras submissas, dóceis, dependentes do pai e do marido e eternizadas pelas

versões tradicionalistas da literatura infantil. É válido ressaltar aqui que a presença da mulher nesses contos está inteiramente associada ao contexto cultural em que foram escritos e propagados. O que significa dizer que a maneira como essas mulheres são descritas nas narrativas desses contos nos revela um modelo de mulher que foi estabelecido como padrão de feminilidade da Idade Média.

As princesas, personagens dos contos, destacam-se por serem belas, boas e gentis, porém frágeis e incapazes de viver sem a ajuda de um príncipe encantado (figura do masculino como protetor e provedor). Nas histórias dos contos dos Grimm e outros clássicos, as mocinhas protagonistas pareciam sempre estar à espera de um príncipe encantado ou de uma fada madrinha para lhes salvar de todos os perigos.

A dependência da mulher, evidenciada no contexto dessas histórias, mostra alguns mecanismos de poder. Este poder que tem a força de construir homens e mulheres influenciados pela cultura patriarcal, dando-lhes papéis, construindo gênero. O homem é colocado como o dominador e a mulher a subjugada ao homem e ao domínio patriarcal. Esses são os discursos que perpassam a história da humanidade e que continuam presentes nos contos tradicionais.

Quanto ao poder, ele “[...] não é um objeto natural, [...] é uma prática social, e como tal, constituída historicamente” (FOUCAULT, 1979, p. X). Os mecanismos de poder e suas práticas discursivas construíram e constroem subjetividades. Homens e mulheres são culturalmente construídos e têm a sua subjetividade ligada às relações de poder no qual inúmeras de suas formas vão interferindo nos modos de ser e de agir do sujeito.

[...] seria necessário saber até onde se exerce o poder, através de que revezamentos e até que instâncias, frequentemente íntimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções. Onde há poder, ele se exerce. [...], esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte, que se chama poder (FOUCAULT, 2012, p. 75).

É significativo mencionar que, escritos originalmente para os adultos, os contos de fadas eram construídos a partir de discursos que normatizavam

mulheres, discursos que são produtores de “verdades”, princípios de coerção, no intuito de educar/disciplinar os corpos. Nesse sentido, o conjunto de signos acompanham os discursos que determinam para o sujeito papéis preestabelecidos. A palavra e seu efeito, através do enunciado de um discurso, limitam o sujeito à fixação de uma singularidade própria.

## **2.1 O Colégio Religioso: a produção de subjetividades.**

Vale ressaltar que condutas de comportamentos foram repassados para mim, no colégio religioso em que estudei, através das histórias que eram contadas na disciplina de educação religiosa. O que não deixa de ser uma forma de educar através dos discursos, ligados não mais aos contos, como narrado na educação infantil, mas às histórias da humanidade, com o viés religioso do cristianismo.

E foi nesse colégio que eu ouvi falar bastante em ter uma “postura disciplinada” e de se “comportar como uma menina”. Foi nesse colégio que estudei por 3 anos e onde completei os meus estudos do ensino médio. Obedecendo normas, seguindo as ordens e determinações superiores em uma instituição de ensino responsável por formar mulheres e homens a partir dos preceitos da moral religiosa cristã. É o sistema de ensino que também constrói e fixa papéis para meninas e meninos.

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação dos discursos com os seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 1996, p. 44).

Ensinava-se então, a ser menina e menino a partir da instrução de noções de moral. Sob essa forma de ensinar, Louro (2007, p. 11) afirma que as “[...] identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são modeladas pelas redes de poder de uma sociedade”. Sociedade que Foucault (1996) chamou de “sociedades de discursos” e que tem

como finalidade conservar e produzir discursos, pois a verdade contida neles será sempre uma forma de regular a sociedade.

O colégio mantinha um orfanato que educava meninas órfãs e que lá residiam durante todo o ano escolar e, além do ensino, as meninas teriam que ajudar nos serviços de limpeza do colégio. A escola já havia se tornado mista, porém as internas estudavam em classes separadas dos demais alunos, pois não podiam se misturar, por que grande parte delas estavam sendo direcionadas a seguir uma vida religiosa. E outras estavam ali não por vontade própria, mas por que a família delas assim havia decidido.

Eram, então, as meninas consideradas “rebeldes” que viviam sob o controle e a vigilância das religiosas para serem reeducadas. Este caso remete à ideia do *Panóptico*<sup>4</sup> em que Foucault (1979) se inspirou nos escritos de *Jeremy Bentham*<sup>5</sup>, filósofo inglês responsável por reformular um projeto arquitetônico, apresentado como modelo de prisão, com vistas à punição de pessoas que desrespeitasse as regras da vigilância. Trata-se, ao meu ver, de um regime de poder disciplinar e que esse regime produz saberes que mais tarde servirão de mecanismos para moldar o comportamento do indivíduo: “No Panóptico, cada um de acordo com o seu lugar, é vigiado por todos ou por alguns outros; trata-se de um aparelho de desconfiança total e circulante, pois não existe ponto absoluto. A perfeição da vigilância é uma soma de malevolência”. (FOUCAULT, 1979, p 220).

Segundo Veiga –Neto (2000) é mais do que notável que a escola, esse aparelho de vigilância comparada com um Panóptico, e junto com suas práticas de ensino, levaram às transformações da sociedade de soberania para a sociedade estatal, pois encarregou-se de operar as individualizações disciplinares, criando novas subjetividades e representando um papel decisivo na constituição da

---

<sup>4</sup> O Panóptico produzido no século XIX por Jeremy Bentham, era um projeto arquitetônico, no qual visava inventar um modelo de construção de prisões, com vistas a melhor punir, pois a vigilância e o disciplinamento dos corpos era o seu objetivo. Utilizo esse conceito no sentido de monitoração das meninas que eram observadas pelas religiosas do colégio no qual eu estudei. FOUCAULT, M. Vigiar e punir: a história da violência nas prisões. Traduzido por Raquel Ramallete. 2. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

<sup>5</sup> Jeremy Bentham (1748 —1832) filósofo utilitarista inglês que idealizou o sistema de prisão chamado Panóptico, ao qual Michael Foucault se refere em sua obra *Microfísica do poder*, de 1979.

sociedade moderna. Na concepção do autor “a escola foi sendo concebida e montada como a grande - e (mais recentemente) a mais ampla e universal-máquina capaz de fazer corpos, objeto de poder disciplinar; e assim torná-los dóceis”. (VEIGA-NETO, 2000, p.17).

A produção de subjetividade na escola é um processo contínuo, essa “noção de subjetivação” como referido por (FOUCAULT, 1990), são as “formas”, “modos”, “processos” que mostram que a subjetivação é algo inacabado. As instituições escolares fizeram e fazem parte desse processo. Penso que minhas lembranças nesse colégio produtor de subjetividades foram menos duras do que das meninas que lá moravam (as internas). Porém, tenho consciência das marcas e das influências deixadas pelos acontecimentos que marcaram minha passagem por aquela instituição de ensino considerada padrão de educação, por ser um colégio religioso de grande destaque.

As marcas que aqui destaco não se referem ao conteúdo programático ao qual nos foi apresentado. Estou me referindo a fatos e experiências do dia a dia que vivenciei com os colegas, professores e as religiosas (madres superiores da instituição) que muito tem a ver com a construção de subjetividades, através de uma moral imposta aos alunos. O investimento ideológico dessa instituição de ensino era produzir homens e mulheres em seu modo “civilizado”, para se adequar às normas exigidas pela sociedade.

O investimento mais profundo, contudo, o investimento de base da escolarização se dirigia para o que era substantivo: para a formação de homens e mulheres “de verdade”. Em que consistia isso? Existiam (e sem dúvida existem) algumas referências e critérios para discernir e decidir o quanto cada menino ou menina, cada adolescente e jovem estava se aproximando ou se afastando da norma desejada. (LOURO, 2015, p. 18).

As histórias das meninas internas do antigo colégio religioso no qual estudei era a da vida real, não existia espaço para contos de fadas. As leituras feitas, eram sobre outras histórias, as quais lhe serviriam de base para uma possível vida religiosa que deveriam seguir e colocar em prática.

Pensando pelo lado do mundo das fadas onde a mulher, como no conto da Cinderela, era colocada em uma situação domesticável, essas meninas também aprendiam a ser mulher a partir de um ideal criado sobre a sua feminilidade. No colégio lavavam, passavam, ajudavam na cozinha e limpeza daquela instituição de ensino. Aprendiam a ser verdadeiras donas de casa! Faziam o papel da Cinderela dos contos de fadas sem viver no mundo da fantasia. Subjetividades essencialmente fabricadas pela disciplina e normas de um colégio religioso, onde seu maior discurso é formar homens e mulheres a partir de um ideal de normatização dos seus corpos traduzidos numa moral religiosa imposta pela Igreja Católica ensinando através de suas "pedagogias" formas de ser e estar no mundo. Marcando posições para o sujeito e estabelecendo hierarquias é isso que muitas escolas e outros espaços sociais exercitam, o poder de penalizar comportamentos e atitudes contribuindo assim por "produzir sujeitos".

## **2.2 Caminhando na direção de um sonho: narrando o encontro**

Ao atingir a fase adulta, veio o tão grande sonho de fazer uma faculdade e escolher uma profissão com a qual eu pudesse me sentir realizada ao exercê-la. Um sonho nada fácil, pois eu deixaria minha mãe para ir em busca dos meus ideais em uma outra cidade, saindo do Norte para morar no Nordeste na cidade de Aracaju-Sergipe.

Porém, os múltiplos caminhos e experiências da vida me motivaram a refletir que os passos dados nessa vida vão além de uma linha contínua, jamais se seguem sem recuos e contradições aos grandes desafios que temos que enfrentar pela frente para realizar o tão almejado sonho. Foi dado o primeiro passo e eu consegui porque acreditei que um dia conseguiria: o vestibular foi uma fase conquistada!

Na Universidade me engajei em um grupo de pesquisa que tinha como objeto de estudo os *filósofos da diferença*<sup>6</sup>. O GPECS – Grupo de Pesquisa em Educação Cultura e Subjetividades, da Universidade Tiradentes. As reflexões decorrentes dos estudos teóricos, das discussões e vivências no grupo me possibilitaram experimentar momentos importantes para a minha formação acadêmica e para a vida. O desejo de seguir com os estudos me impulsionou para novos horizontes.

[...] ao desejo nada mais falta, ele preenche-se de si próprio e erige seu campo de imanência. O prazer é a afecção de uma pessoa ou de um sujeito, é o único meio para uma pessoa ‘se encontrar’ no processo do desejo que a transborda; os prazeres, mesmo os mais artificiais, são reterritorializações (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 17-18).

E impulsionada por essa força e pelo poder que o desejo tem e principalmente faz em nós, foi que quis ir além das teorias vivenciadas no meu grupo de estudos. E no momento esperado tive a sorte de ser chamada pela professora Dinamara<sup>7</sup>, coordenadora do grupo de estudos, para trabalhar na minha primeira pesquisa de campo. Ela, que foi contemplada com o Edital N° 13/2011-NAPs, da FAPITEC/SE - Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe, por ter escrito um projeto para trabalhar em uma comunidade de remanescentes de quilombo do interior do estado de Sergipe. O foco principal eram as “mulheres catadoras de aratu”. Mulheres que eram as principais provedoras do lar e que se dividiam entre cuidar da casa e dos filhos para irem ao mangue pescar.

Nessa pesquisa foi percebido que, apesar das inúmeras dificuldades do trabalho no mangue, das doenças que elas contraíam, da falta de políticas públicas e reconhecimento do seu trabalho como catadoras de aratu, mostravam-se sempre muito fortes e cheias de sonhos para com os seus filhos e, durante as entrevistas,

---

<sup>6</sup> Intelectuais franceses do século XX, cuja as ideias filosóficas foram fortemente utilizadas nos Estados Unidos, e ganharam a definição de filósofos pós-modernos, no Brasil eles foram conceituados de filósofos da diferença: Michel Foucault, Gilles Deleuze, Friedrich Wilhelm Nietzsche, Félix Guattari, entre outros.

<sup>7</sup> Professora Dr<sup>a</sup> Dinamara Garcia Feldens, que foi coordenadora do GPECS/UNIT/CNPq. Grupo de estudos que na época estive inserida.

não perdiam a alegria ao falar do trabalho como marisqueiras, da relação com a natureza, sentimentos, perspectivas e sonhos.

Eu aprendi com essas mulheres, “mulheres da rua da palha”. Aprendi que as histórias que lhes eram contadas quando criança pelos seus pais e avós eram sobre as experiências da vida, guardadas na memória histórica de quem as viveu. Esses ensinamentos lhes serviriam mais tarde de aprendizado dentro dos seus tradicionais costumes da pesca.

Nesse caso, a educação é um processo de formação continuada e influenciada pelo meio natural e social com o fim de desenvolver no sujeito a capacidade para desempenhar papéis dentro de um sistema social pré-estabelecido. Ressalta-se que essa formação continuada ou processo ensino-aprendizagem pode ocorrer de modo formal, realizado sob o rigor de uma rede complexa de métodos e objetivos pensados para uma determinada realidade social dentro das instituições de ensino, ou informal, aquele realizado não intencionalmente, fora do ambiente escolar e acadêmico.

O conhecimento Informal adquirido por essas mulheres, por seus avós, pais, tios, através da experiência de vida é parte de um elemento de construção de conhecimento produto da relação do sujeito com a sociedade em que viveu, portanto, parte de sua cultura. Esses elementos servem como mecanismos de construção de identidade e do seu modo de vida.

Não obstante, o aprendizado oriundo desse conhecimento em que se funda esta sociedade não desaparece, em muitos casos, por ainda fazer parte da identidade de um povo, permanece vivo na cultura local por muito tempo. Daí a importância da história oral e da memória para esses povos conhecerem a sua própria história de vida e perpetuarem seus costumes de geração para geração. Na visão de Nora (1993) a memória:

[...] é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as

transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica (NORA, 1993, p. 9).

Segundo descrito por Nora, a memória é a base constituidora da oralidade e está sempre ajustada às crenças culturais e ao imaginário dos indivíduos. As “mulheres da rua da palha<sup>8</sup>” não nasceram em um palácio e nem estavam à espera de um príncipe para lhes salvar, elas eram as reais protagonistas e faziam a sua própria história de vida por intermédio da cultura de seus ancestrais. Mulheres guerreiras e fortes como as “lamiabas”, índias das lendas do folclore da região amazônica e que traziam consigo a experiência e o saber do povo nativo.

Larrosa (2002) em seu texto: *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*<sup>9</sup>, aponta que: “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. (p. 25-26). E eu me senti transformada depois de ter realizado esse trabalho. O acontecimento me tocou.

Benjamim (1994), trata dessa “experiência” vivenciada dentro de uma narrativa e afirma que: “a narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (p. 205). Suas palavras foram ditas nos anos de 1940 e, embora acreditasse que a narrativa estivesse desaparecendo, o autor escreve sobre isso no momento em que,

---

<sup>8</sup> Rua da Palha é a principal e única rua do território da Comunidade Remanescente de Quilombo localizada no município de Santa Luzia do Itanhy, sul do estado de Sergipe.

<sup>9</sup> Propõe pensar-se a educação a partir do par experiência/sentido, contrapondo-se ao modo de pensar a educação como relação entre ciência e técnica, ou entre teoria e prática. Para tanto, explora o significado das palavras experiência e sentido. Quanto à primeira, crítica o excesso de informação e a obrigatoriedade de ter opinião, posturas que estão na base da “aprendizagem significativa”. Critica também o excesso de trabalho, que não permite a experiência, e a própria relação trabalho/experiência. Quanto ao sentido, explora-o a partir do sujeito da experiência, definido não por sua atividade, mas pela abertura para ser transformado pela experiência – território de passagem, submetido a uma lógica da paixão. Afirma que o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, singular e concreta. Disponível em: Rev. Bras. Educ. no.19 Rio de Janeiro Jan./Abr. 2002. ([http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)) acessado em 02 de Junho de 2015.

segundo ele, a experiência estava em baixa, pois se tornava cada vez mais raro alguém narrar um acontecimento por meio de suas experiências.

Contar história sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido (BENJAMIM, 1994, p. 205).

É como se as pessoas tivessem perdido essa capacidade de trocar, por meio de palavras, suas histórias de vida, suas experiências vividas, suas próprias experimentações. E as narrativas eram a melhor forma de se comunicar, porque refletiam a experiência humana. Tal experiência que estava desaparecendo pelo excesso de informação/opinião do sujeito do mundo moderno. Benjamin (1975), acredita que os grandes narradores têm suas raízes no povo e se movimentam nos degraus da sua experiência.

Depois que ouvi e vivenciei um pouco da história de vida dessas mulheres que se tornaram sujeitos de sua própria experiência, retirando delas a força para a sua transformação, apaixonei-me pela minha primeira pesquisa e passei a querer estudar mais sobre o feminino. Na graduação conheci pessoas especiais que me impulsionaram a seguir os estudos adiante e tentar o mestrado. Daí surgiu mais um desafio: Pensar em um projeto para participar da seleção de um mestrado.

Quando criança era fascinada pelos contos e agora estava tendo a oportunidade de estudá-los. Parecia que havia voltado no tempo em uma das fases mais importante da minha vida! Então, porque não estudar os contos que têm como personagens principais as mulheres inseridas no contexto da literatura infantil? E pensar como essas narrativas influenciaram na construção de papéis sociais femininos e o modo de “ser mulher”, através de mecanismos educativos presentes nos signos e significados das suas histórias produtoras de subjetividades, marcadas pelo discurso moralizante da época descrita?

Crescer e amadurecer fez com que eu descobrisse novas camadas de significações e *práticas discursivas*<sup>10</sup> existentes nos contos. E é essa capacidade que nos permite refletir e questionar algo que nos deixa “desassossegados”. A capacidade de entender que nas entrelinhas de uma narrativa fantasiosa de um conto de fadas existe um discurso que oculta intenções. “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 1960, p. 135-136).

O fruto de um desassossego antigo está sendo estudado, traçado nas linhas dessa pesquisa, não com intuito de responder ou solucionar todos os problemas de pesquisa que por aqui eu possa encontrar. Mas com o objetivo de fazer com que outras pessoas possam conhecer e pensar que os contos, através do discurso, funcionam como norma e produzem uma subjetividade, definindo a mulher por meio de suas práticas discursivas, cujo objetivo principal é a produção de corpos dóceis, sujeitados a essa alienação que durante um longo tempo vem trazendo marcas de submissão na sociedade ocidental, produzindo verdades sobre a mulher que permaneceram estagnadas até os nossos dias. Foram esses e tantos outros motivos que me levaram a fazer esse estudo.

A escolha do tema dos três contos de fadas dos irmãos Grimm surgiu a partir de uma apreciação pessoal sobre essa literatura e também por uma inquietação em relação à imagem da mulher que é apresentada nessas histórias, tendo em vista que em toda história da humanidade a moral e a sexualidade andavam sempre juntas, principalmente no que diz respeito ao ambiente familiar. (DEL PRIORE, 2013).

Para as mulheres era dada somente a função reprodutiva. Seus corpos deviam ser recatados, puros, devotados. Eram impedidas de expressar sua opinião, desejos, anseios, medos, pois naquele período estavam subordinadas ao homem

---

<sup>10</sup>Conceito usado pelo filósofo francês Paul Michel Foucault em sua obra: A arqueologia do saber (1969). As práticas discursivas é um conjunto de regras no qual criam o enunciando como um acontecimento. Segundo Foucault toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma.

em todas as esferas da vida. Para essa mulher no ocidente cristão, a Igreja Católica criou normas para o casamento e família. A historiadora Del Priore (2013) nos aponta que a mulher, no projeto da Igreja, era uma peça fundamental, pois:

Pobre ou rica, a mulher possuía, porém, um papel: fazer o trabalho de base para todo edifício familiar – educar os filhos segundo os preceitos cristãos, ensinar-lhes as primeiras letras e atividades, cuidar do sustento e da saúde física e espiritual deles, obedecer e ajudar ao marido. Ser enfim, a ‘santa mãezinha’. Se não o fizesse seria confundida com o ‘diabo doméstico’. Afinal sermões difundiam a ideia de que a mulher podia ser perigosa, mentirosa e falsa como uma serpente. Pois ela havia conversado com uma no paraíso? O modelo ideal era Nossa Senhora. Modelo de pudor, severidade e castidade. (DEL PRIORE, 2013, p. 12).

Nos contos de fadas, a figura da mulher se destaca pela sua beleza e apresenta em seu perfil a docilidade, pureza e o recato. As princesas medievais eram mulheres submissas ao pai e ao marido e viviam à espera de um casamento arranjado. Assim, os contos eram um exemplo para a conformação dessas meninas que eram obrigadas a se casar com quem oferecesse o melhor dote. “Então aconteceu que o rei anunciou um festival de três dias, ao qual todas as moças bonitas do reino foram convidadas, para que seu filho, o príncipe, pudesse escolher uma noiva”. (ESTES, 2005, p. 56). Nos contos tradicionais como, por exemplo, Cinderela e Branca de Neve as marcas de uma sociedade patriarcal, onde a mulher viveu por muito tempo sob total dominação do homem são claramente identificáveis.

Na escola toda essa questão do ser mulher nos contos de fadas e na sociedade é repassado de um jeito bem fantasioso, porém com uma mensagem de moral inserida nas entrelinhas das narrativas dos contos infantis de como a mulher deveria se comportar. Transmitem-se normas e valores que elas deveriam seguir, ou seja, enfatizando-se a transmissão de valores ideológicos defendidos pela sociedade em que foi produzida essa literatura.

Mulheres e homens foram definidos historicamente e socialmente, suas identidades passaram por diferentes discursos, símbolos e representações, que foram moldando e construindo o feminino e o masculino. Deu-se um papel social

diferenciado para cada um. Suas formas de ser e estar no mundo foram sendo reproduzidas por gerações.

Essa literatura, como enfatizado no início anteriormente, esteve presente no meu ambiente escolar. Auxiliava a professora em sala de aula a mostrar para nós alunos, de uma forma lúdica e fantasiosa, os problemas que as personagens principais enfrentavam e as soluções para resolver tais problemas, a fim de que pudéssemos entender de que forma funcionava a vida em sociedade e que papel deveríamos desempenhar. A menina princesa sempre meiga, doce e delicada por ser menina. O menino deveria ser como o príncipe, corajoso e protetor. O lado oculto da história não era contado e se fosse talvez deixaria de reproduzir o discurso do pensamento patriarcal do ocidente cristão que trouxe a moral para coagir e disciplinar os corpos.

É através da escola e da educação que nos é dada que podemos ter acesso a qualquer tipo de discurso. “Pois todo o sistema educacional é uma forma política de conservar ou modificar e produzir tais discursos” (FOUCAULT, 2010). Nesse sentido, a contribuição da obra *Ordem do Discurso* (1996) para essa pesquisa foi de suma importância, tendo em vista que esclareceu ajudando-me na compreensão, do que é um discurso? Como é produzido e formulado?

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de consciência de si (FOUCAULT, 1996, p. 49).

Através do discurso qualquer material pode ser compreendido, explicado, desmistificado. O discurso pode sofrer alterações e se reorganizar novamente. Há sempre um novo discurso, pois este consegue se refazer e se renovar sempre que é anunciado, produzido. Tem-se em vista que esse discurso tem força produtiva quando colocado com o objetivo de manipular, facilitando que o assujeitamento de pessoas se materialize. E assim as palavras proferidas vão deixando suas marcas e disseminando o medo na sociedade onde o discurso passa a ser temido.

[...] tudo se passa como se tivessem querido apagar até as marcas de sua irrupção nos jogos do pensamento e da língua. Há sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino em todas as outras, mas segundo um perfil e facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo destes acontecimentos, desta massa de coisas ditas, do surgir de todos estes enunciados, de tudo que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso deste grande zumbido incessante e desordenado do discurso (FOUCAULT, 1996, p. 50).

Para o domínio dos acontecimentos a sociedade produz o discurso, mas também o controla, seleciona e na sua grande maioria redistribui de uma forma errônea com o intuito de amedrontar a população para o controle e disciplina. Na Idade Média criou-se na mentalidade do povo, a partir de discursos, uma grande quantidade de superstições em relação à mulher. Uma delas surgiu no período da santa inquisição quando foi atribuído às mulheres que conheciam as plantas medicinais e as utilizavam para curar enfermidades características negativas, pois eram consideradas bruxas.

Essas mulheres eram acusadas de fazer pacto com o demônio e de falsificar o controle divino, pois ninguém poderia alterar as coisas da vida a não ser o poder divino do pai supremo: Deus. Por realizarem a bruxaria e coisas sobrenaturais as bruxas personificaram o medo em toda a sociedade, pois, seguidoras do demônio, estavam entregues à luxúria. Foi a partir desse discurso que a igreja católica condenou a mulher à Santa Inquisição e várias dessas mulheres foram mortas em grande parte das cidades da Europa.

O reinado da Mãe Imortal é soberano e a mulher é adorada como imagem da Deusa. Envoltas em luzes e trevas, rainha do Céu e do inferno, doadora do bem e do mal, condutora na vida e na morte, virgem angelical da maternidade e prostituta do desejo e da volúpia no sexo, a mulher possui uma dualidade conectada à magia de seu sangue. Sangue da vida, da menstruação, defloração e parto. Sangue da morte, da menopausa, provocadora da esterilidade (CORAZZA, 2002, p. 81).

O *sinônimo*<sup>11</sup> do termo bruxa no dicionário é de uma mulher maléfica, muito feia, que pratica a feitiçaria para fazer o mal. É desta mesma forma que bruxas são descritas nas narrativas dos contos. Onde existe de um lado a Bruxa que é a mulher má e horrenda, do outro estava a fada que tem na sua prática a magia a favor do bem, representada como uma mulher linda e angelical. As fadas, em sua origem, exerceram uma grande influência sobre a cultura celta. No qual Coelho (1987, p. 79), aponta que “as fadas estavam ligadas a cultos ou ritos religiosos” e depois passaram a fazer parte do:

[...] folclore europeu ocidental (e dele emigraram para as Américas) e tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza, que se apresentavam sob forma de mulher. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens, para auxiliá-los em situações-limite, quando já nenhuma solução natural seria possível (COELHO, 1987, p. 31).

Para Bettelheim (2002, p. 14) “a maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era parte muito importante da vida; assim eles lidam, diretamente ou por inferência, com temas religiosos”. Por influência da religião e da cultura de um povo muitos contos foram responsáveis por apresentar as mulheres como bruxas associando a madrasta má em seus personagens como uma figura negativa, ambiciosas, traidora e mentirosa. Era traçado uma dualidade no perfil da mulher entre o bem e o mal, como é percebido no contexto das narrativas dos contos de fadas: fada e bruxa, mãe (ou madrinha) e madrasta.

Essa dualidade se fez presente quando o patriarcado passou a operar na sociedade, logo após a ascensão da Igreja Católica. Os eclesiásticos pensavam a mulher com uma visão dicotômica, ou seja, ao mesmo tempo em que essa mulher na Idade Média era a responsável e culpada pelo pecado original, uma outra mulher trouxe ao mundo o redentor de todos os pecados. Desde que o cristianismo se consolidou essa visão do feminino na Idade Média estagnou-se.

Tudo que a mulher tentasse fazer longe dos olhares de seus maridos, era imoral, pois tinha que se espelhar na figura de Maria (uma santa) e não na figura

---

<sup>11</sup> Consultar em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/bruxa/> acesso dia 28 de julho de 2015.

da Eva que foi uma insana, traidora e pecadora por ter comido a maçã e traído a humanidade. A sociedade criou modelos de mulheres a partir de uma representação de símbolos antagônicos como por exemplo: Eva (pecadora) e Maria (santa). E com o passar do tempo esses estereótipos de mulheres foram sendo reproduzidos. O que Santos (2012) em sua pesquisa sobre “*subjetividades de mulheres no movimento escoteiro*” nos aponta é que:

O processo de produção de subjetividades atua de forma a compor e fabricar modelos de ser homem ou mulher, como lidar com o corpo, com as formas de se compreender e o olhar para o outro e, mais especialmente, a relação consigo mesmo. Na contemporaneidade, fabricam-se subjetividades em escala mundial, e essa produção maquinica atua também nas delimitações do tempo, movimentando os entendimentos do que seja passado, presente e futuro. (SANTOS, 2012, p.24).

A primeira pergunta que me fizeram quando troquei de tema foi porque estudar a mulher nos contos infantis em um Mestrado em Educação? Penso que a literatura infantil em especial os contos de fadas que trazem consigo a representação do feminino em seus personagens produzem subjetividades. Os contos, se bem trabalhados em uma sala de aula, viram verdadeiros artefatos que podem educar de uma forma lúdica, auxiliando o professor a trabalhar com seus alunos a literatura atrelada às aulas de história e outras questões, como por exemplo, a influência do poder pedagógico que a literatura dos contos tradicionais podem trazer para as mulheres, por seus discursos normatizados, que fazem meninas sonharem em querer ser como princesas. Mulheres construídas na Idade Média representadas nos contos como mulheres belas, possuidoras de uma fragilidade e quem têm em seu sonho a busca por um príncipe encantado com um único objetivo: a busca por um final feliz, nesse caso, o conhecido matrimônio.

Mas quem eram essas mulheres? O que representaram para a sociedade da época? Desta forma, faz-se necessário situar o perfil dessa mulher ocidental através das histórias desses contos para compreendermos de que maneira esse modelo de mulher medieval influenciou na produção de subjetividades, trazendo seus reflexos para a contemporaneidade.

Permito-me passar pela história medieval para explicar um pouco desse perfil de mulher, através das palavras do historiador Le Goff (1989), por seus estudos sobre a história medieval. Para ele a mulher na Idade Média era vista como:

[...] um ser falso e tentador, o melhor aliado do demônio, uma eterna Eva mal resgatada por Maria, um ser escabroso para quem o vigia, um mal necessário para a existência e o funcionamento da família, para a procriação e para o controle da sexualidade, que é o principal perigo para o homem cristão. (LE GOFF, 1989, p. 10).

A mulher transitava como a sombra do homem, tinha seu lugar demarcado, resumindo-se ao cuidado da casa e da família, reconhecida socialmente sempre como a esposa fiel, viúva ou a virgem pura e recatada. Para o autor, essa mulher nascida na sociedade medieval é muito jovem e é obrigada a casar-se com um homem que se aproxima dos 30 anos ou mais: “[...] é um ventre, vítima de uma elevada fecundidade que a faz passar grávida metade de sua vida antes dos quarentas anos” (LE GOFF, 1989, p.22). Assim se encontrará totalmente

[...] sujeita aos seus deveres de esposa, obrigada a ser fiel ao marido e a sua autoridade, só encontra compensações – limitadas – no amor pelos filhos, que na maioria dos casos, são entregues às amas, logo nos primeiros anos, e sucumbem vítimas da terrível mortalidade infantil. (LE GOFF, 1989, p.22).

E as mulheres passaram a ser subordinadas, a somente reproduzir, e aquelas no qual o casamento não estava acessível, dedicavam à vida religiosa. A dedicação à essa vida era a chance que essas mulheres tinham de adquirir um espaço social, pois não lhe restava outro papel a não ser viver eternamente em função da Igreja, representante de Cristo na terra, que normatizou o corpo determinando e controlando o destino de homens e mulheres, construindo subjetividades, fixando papéis!

Nos contos encontrasse descritos na literatura alguns paradigmas de submissão, moral e obediência, os quais fixam um papel social para a mulher. A ideia de explorar os três contos dos Irmãos Grimm é de mostrar que essas histórias que foram narradas desde o início da humanidade, trazem em seu discurso a figura de uma mulher totalmente moldada aos padrões da sociedade ocidental. Essas narrativas traduzem visões de mundo dos autores, que inspirados no ideal de

feminilidade da sua época, narram as histórias a partir de discursos que normatizavam a mulher e seu papel social naquela sociedade.

Cabe ao professor desconstruir esse papel que foi imposto para as mulheres e descrito nas narrativas dos contos. Assim seus alunos compreenderão um pouco de uma época passada para confrontá-la com a atual, e dentro disso poderão questionar, observar, descrever e comparar hábitos, costumes, diferenças e semelhanças culturais. E desenvolver um senso crítico para pensar que em toda a sociedade existiu e existe a produção de um discurso, que disciplina, homens e mulheres. Moldando com palavras de ordem a população para o seu total controle. “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras”. (FOUCAULT, 1996, p. 36).

Estes contos durante muito tempo foram e ainda são práticas educativas que produzem discursos de poder e esses discursos reprimem o jeito de ser de pessoas. Foucault (1969) Na obra *Arqueologia do saber* nos deixou claro que a construção histórica produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas: “A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras”. (FOUCAULT, 1969, p. 159). Essa discussão investiga as regularidades do discurso e a análise das fases de formação discursivas para a compreensão das práticas discursivas. Pois a pesquisa arqueológica segundo o filósofo permite visualizar práticas e discursos que foram constituídos por redes de poder que induz ao prazer, forma saber e produz discursos.

Os discursos são encontrados nas entrelinhas das histórias infantis, e esses são capazes de moldar mulheres a partir de um discurso de poder, como uma forma de disciplinamento. Porque este era o objetivo dos contos, apontar valores e produzir verdades sobre a mulher e sobre a vida, trouxe consigo seus resquícios para a contemporaneidade.

Durante muito tempo estivemos e ainda estamos presos a um *regime vitoriano*<sup>12</sup> e trazemos resquícios de tal regime nos dias de hoje. O trecho abaixo de Foucault nos revela que a ciência do sexo que despontam no século XIX, é o sexo numa compreensão científica e moldado pela repressão, em uma sociedade em que mostrava - se ainda a não valorização da infância, pois as crianças eram vistas como adultos em miniatura.

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos 'pavoneavam'. Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir (FOUCAULT, 1994, p. 9).

O historiador Philippe Ariès (1981) destacou um fato importante sobre a arquitetura espaços compartimentados de uma casa, na qual até o século XVIII continuou sendo um espaço indiferenciado onde se dormia no mesmo lugar que se comia e recebia pessoas, onde crianças participavam de toda a rotina dos adultos e usavam os mesmos trajes. Antes não existia uma divisão de espaços dentro do lar, aos poucos esses pequenos espaços foram criados. E sobre a especificação do espaço Foucault ressalta que:

Nós temos um exemplo disso na edificação das cidades operárias dos anos de 1830-1870. A família operária será fixada; será prescrito para ela um tipo de moralidade, através da determinação de seu espaço de vida, com uma peça que serve como cozinha e sala de jantar, o quarto dos pais (que é o lugar da procriação) e o quarto das crianças. Às vezes, nos casos mais favoráveis, há o

---

<sup>12</sup> Refiro-me aqui ao período conhecido como 'Era Vitoriana', no qual Foucault (1994) em sua obra: "A História da sexualidade I: A vontade de Saber", se utiliza para criticar esse regime de repressão no qual a sexualidade era colocada como algo anormal e por este motivo ocupou um lugar de negatividade na sociedade. E todas as pessoas que fugissem da "normalidade sexual" sofriam as punições, para assim serem disciplinadas à obedecer as regras.

quarto das meninas e os quartos dos meninos (FOUCAULT, 1979, p. 212).

A casa passa a ser demarcada, as paredes delimitam o território da intimidade dos quartos dos pais, as crianças retiradas dos quartos dos adultos, passam a ter o seu espaço na casa (quarto). São os mecanismos de poder operando sobre os espaços, trazendo consigo o caráter moralizador. Para Foucault (1979), seria indispensável fazer uma “história dos espaços”, que se tornaria ao mesmo tempo a “história dos poderes”.

O mundo dos homens instruídos da Idade Média trouxe modelos de conduta, tanto para as crianças como para os adultos. Pois era necessário aprender a se comportar socialmente. Isso influenciou na construção de valores e conceitos, que foram agindo nos corpos, desenhando modelos de homens e mulheres levando a criação de uma sociedade conservadora e preconceituosa. “O poder disciplinar – o qual constitui, através de práticas cotidianas e de técnicas minuciosas os sujeitos” (LOURO, 2010, p. 41).

Os contos é um objeto que me serviu como crítica a essa sociedade ocidental que moldou por muito tempo mulheres dentro de seus padrões ditos “certos”. Pertencer e ser aceito (a) ao grupo é uma necessidade das pessoas, onde se espera atender ao perfil daquela comunidade criada, pois cada uma constrói um modelo a ser seguido, modelos de conduta e normas, disciplina, e nessa criação inserem a moral como instrumento de formação empregado na educação de homens e mulheres em uma sociedade que advém de recursos como práticas discursivas de poder, estratégias para a formação de subjetivação similar, para serem corpos sujeitados aos seus governos.

As narrativas dos contos, são criados e seus significados são reproduzidos de acordo com cada modelo que a sociedade criou. É fato que as narrativas orais desempenharam um papel importante para a literatura e conseqüentemente para a sociedade, porém trazem marcas de um passado longínquo, que recaem sobre a mulher. Rago (2012) menciona que:

[...] a construção de um modelo feminino universalizante foi imposta historicamente pelo discurso médico vitoriano, pelo direito, pela

família, pela igreja, enfim, pelo olhar masculino reforçado principalmente nos centros urbanos, pelos estímulos da indústria de consumo (RAGO, 2012, p. 282-283).

Essa imposição histórica feita por uma prática discursiva vitoriana nos mostra que esse modelo universalizante do “ser mulher” veio impregnado de um discurso de moral retratando na literatura de como essa mulher deveria ser representada na sociedade. Eram produzidos modelos de mulheres a partir de métodos disciplinares que faziam parte de um conjunto de saberes e poderes culturalmente construídos pela sociedade ocidental.

### 3 O SURGIMENTO DAS HISTÓRIAS POPULARES E AS NARRATIVAS DOS CONTOS DE GRIMM.

As histórias populares chamadas de contos de fadas têm sua origem enraizada em um passado distante, e essas histórias exerceram grande influência sobre o contexto cultural dos séculos XII ao XV, onde seus primeiros registros estão em *sermões de pregadores medievais*<sup>13</sup> que se utilizavam da tradição oral para esclarecer argumentos morais que lhes serviam para instruir moralmente seu povo.

Os contos de fadas são influenciados pela civilização em que surgiram e o tradicionalismo de transmitir a história por meio da oralidade facilitou a migração dessas histórias de uma localidade a outra. Assim, os contos eram recolhidos e, ao depender da região, foram modificados por seus copiladores, como nos aponta Estés (2005). O fato é que “o bom contador acrescenta suas próprias intuições. Os Irmãos Grimm registraram e, em alguns casos, aparentemente inseriram uma versão judaico cristã de Deus em alguns dos contos mais antigos”. (p. 20). Segundo alguns vestígios mais antigos, os seres fantásticos originaram-se na cultura celta e só depois foi se perpetuando em outras culturas.

Os vestígios mais remotos, localizados por esses estudiosos, remontam a séculos antes de Cristo e provêm de fontes orientais e célticas que, a partir da Idade Média, foram assimiladas por textos e fontes europeias. Apesar das muitas pesquisas desenvolvidas, foi impossível determinar quais teriam sido os textos-matrizes, ‘puros’, tal a amálgama de fontes que se fundiam nas narrativas recolhidas (COELHO, 1987, p. 16-17).

Segundo Coelho (1987), os primeiros registros demonstram que os contos foram originários da cultura dos povos celtas e suas narrativas estavam

---

<sup>13</sup>“Os pregadores medievais utilizavam elementos da tradição oral para ilustrar argumentos morais. Seus sermões, transcritos em coleções de Exempla dos séculos XII ao XV, referem-se às mesmas histórias que foram recolhidas, nas cabanas dos camponeses, pelos folcloristas do século XIX. Apesar da obscuridade que cerca as origens dos romances de cavalaria, as canções de gesta os *fabliaux*, parece que boa parte da literatura medieval bebeu da tradição oral popular, e não o contrário.” (DARTON, 1988, p. 31).

centradas em refletir sobre os anseios religiosos. Já na Idade Média esses contos tinham por finalidade entreter os adultos.

No início, os contos eram direcionados para os adultos e não para o público infantil, pois naquela época não existia a concepção de infância que conhecemos hoje. Geralmente eram contados em ambientes onde os adultos se reuniam. Como em reuniões sociais, no trabalho do campo, em salas de fiar, pois contos eram uma forma de entretenimento para os adultos e não para as crianças, os contos surgiram no momento em que não havia uma atenção particularizada para a infância, ou seja, a criança não ocupava um espaço somente dela.

Segundo os estudos do historiador Philippe Ariès (1981) “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para infância nesse mundo”. (1981, p. 50). Nas obras de artes as crianças não eram representadas por suas características infantis, o que as diferenciava dos adultos era somente o seu tamanho, eram homens em tamanhos reduzidos. Eram seres humanos em miniatura.



**Figura 1:** As meninas - velázquez (1656). Museo del Prado, Madri, Espanha.

**Fonte:** [http://www.verseuniversos.com.br/versos\\_e\\_universos\\_da\\_arte/artes\\_d\\_alma/diego\\_rodrigues/diego\\_rodrigues\\_da\\_silva\\_y\\_velazquez.htm](http://www.verseuniversos.com.br/versos_e_universos_da_arte/artes_d_alma/diego_rodrigues/diego_rodrigues_da_silva_y_velazquez.htm).

A imagem acima retrata a pintura de um quadro do século XVII do espanhol Diego Velázquez, no qual o próprio pintor é autorretratado. Essa imagem teve destaque também no livro “As palavras e as coisas” de Foucault (2007) onde o filósofo, no primeiro capítulo, fez uma análise interpretativa da pintura *Las meninas*, a partir de dois conceitos: *representação e sujeito*<sup>14</sup>. Nesse caso, o que destacamos aqui, é que é possível perceber a forma como as crianças estão representadas nessa pintura. A partir de seus traços fisionômicos, e de seus trajes, semelhante a figura de um adulto. “O traje da época comprova o quanto a infância era então pouco particularizada na vida real.” (ARIÈS, 1981, p. 69). Partilhando da mesma percepção de Ariès, Corazza (2002), em seu estudo nos aponta que:

[...] nas sociedades pré-modernas não havia a infância, pois não lhe era atribuída esta significação social e subjetiva que o período moderno lhe conferiu. As crianças são as grandes ausentes da

<sup>14</sup>Michel Foucault utiliza esses dois conceitos a partir da análise da pintura *Las Meninas*, em sua obra: *As palavras e as coisas*, para explicar o modo como se configurou o saber nas epistemes: Clássica e Moderna. Consultar em: FOUCAULT, Michel 2007. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.

história simplesmente porque, no chamado 'passado'- da Antiguidade à Idade Média, não existia este objeto discursivo a que chamamos 'infância', nem essa figura social e cultural chamada 'criança', já que o dispositivo de infantilidade não operava para, especificamente criar o "infantil"... Não é que não existissem seres humanos pequenos, gestados, paridos, nascidos, amamentados, crescidos – a maioria deles mortos, antes de crescerem, mas é que a eles não era atribuída a mesma significação social e subjetiva [...]. (p. 81).

Não havia diferenciação entre os papéis sócias ocupados pelos adultos e crianças. Sua singularidade não era respeitada, transitavam e trabalhavam no mesmo espaço que os adultos e não havia censura entre os assuntos tratados em conversas junto às crianças. Aprendiam a se comportar como homens e mulheres em idade adulta. Os discursos que transitavam na sociedade sobre a infância, recaiam sobre as crianças moldando-a, pois a ideia de infância, segundo Ariés (1981) estava ligada a ideia dependência.

Os contos de fadas então eram narrados para os adultos na Idade Média no momento em que não havia a distinção entre criança e adultos, não havia uma particularidade do ser criança. Os aspectos da fantasia e do lúdico irão surgindo aos poucos dentro da literatura com o intuito de minimizar as narrativas controversas e polêmicas da época.

Com a preocupação em adequar os contos para o público infantil e elevar a moral, os contos sofreram alterações, sendo adaptados por seus

escritores: *Charles Perrault*,<sup>15</sup> *Irmãos Grimm*<sup>16</sup> e *Hans Christian Andersen*<sup>17</sup>, com o intuito de direcionar o conteúdo sem um teor muito violento.

Ainda não Idade Média, quando a criança passou a ser diferenciada do adulto, a literatura infantil vem para ser utilizada como um entretenimento e grande instrumento educacional que ajudaria a reforçar a cultura e os costumes da sociedade. “Jogos, brincadeiras e contos, desde então ‘infantis’ serão transformados por um sentido moralizador e estrategicamente utilizado no processo de escolarização, inicialmente pelos jesuítas e depois pela pedagogia ativa.” (CORAZZA, 2005, p. 150).

A primeira coletânea dos contos infantis surgiu na França no século XVII e foi organizado pelo escritor e poeta francês Perrault, que reformulou os contos populares adaptando ao público infantil, retirando dele o que poderia chocar o público, suas histórias na época não eram documentadas, tinham sua origem e retransmissão feitas por meio da oralidade.

Como gênero a literatura infantil nasceu com Charles Perrault, mas somente cem anos depois, na Alemanha do século XVIII, e a partir das pesquisas linguísticas realizadas pelos irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm), ela seria definitivamente constituída e teria início sua expansão pelas Europas e pelas Américas (COELHO, 2009, p. 29).

---

<sup>15</sup> Charles Perrault (1628 – 1703) foi um escritor e poeta francês, que viveu no século XVII, ficou famoso por suas versões muito especiais de contos de fadas. Escrevia, de forma original, contos que pertenciam à tradição da literatura oral europeia e eram transmitidos de uma geração a outra. Seus contos, como por exemplo “O Barba Azul” incorpora elementos do imaginário medieval das histórias de cavalaria, bem como das narrativas da Renascença italiana. Esta história foi publicada originalmente na coletânea mais conhecida de Perrault, Os contos da Mamã Gansa, que inclui também O Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, A bela adormecida, O gato de botas e outras muito apreciadas até hoje.

<sup>16</sup> Jacob Grimm (1785 – 1863) e Wilhelm Grimm (1786 – 1859) mais conhecidos como os irmãos Grimm, eram Alemães, colecionadores de contos folclóricos e receberam o título de propagadores de contos, por divulgarem os contos de uma forma universal de acordo com a religião e cultura de cada povo. Na Alemanha os Grimm recolheram os principais documentos de fontes orais, organizaram de forma sistematizada todos os principais contos de diferentes culturas, sua coletânea inaugurou a coleta e registros de diversos contos populares. Mais informações em: <http://www.literaturecollection.com/a/grimm-brothers/> Acesso em 02/11/2015.

<sup>17</sup>Hans Christian Andersen (1805 – 1875) foi escritor e poeta de histórias infantis, nascido na Dinamarca. Mais informações sobre esse autor está disponível em: [http://andersen.sdu.dk/liv/minibio/index\\_e.html](http://andersen.sdu.dk/liv/minibio/index_e.html) acesso em 02/11/2015.

E essa literatura veio aliada à pedagogia com o objetivo de moralizar e educar as crianças, que até então não tinham uma educação regrada aos costumes da sociedade. Pois a infância era um conceito imobilizado e inexistente. Quando o conceito do infantil passa a existir na sociedade, esse conceito vai sendo idealizado não com o propósito de perceber a importância do “ser criança”, mais para educar para o mundo dos adultos.

A literatura vem com o intuito de instruir crianças e jovens por meio de arquétipo criados nos contos infantis, com a intenção de educar, pois em suas histórias iremos encontrar a mistura da fantasia com a realidade. Como demonstrado no trecho do conto da Chapeuzinho Vermelho, no qual a garota teria que ser obediente a sua mãe e fazer tudo direitinho como foi lhe orientado.

Vem aqui, Chapeuzinho Vermelho, leve este bolo e esta garrafa de vinho á sua avó. Ela está fraca e doente e esses presentes lhe farão bem. Vá depressa, antes que o dia esquente, não se demore pelo caminho nem corra, para não cair e quebrar a garrafa e deixar sua vó sem vinho. Quando chegar, não se esqueça de desejar: ‘Bom-dia’, educadamente, sem ficar reparando em tudo. –Vou fazer tudo o que me diz- prometeu Chapeuzinho Vermelho a sua mãe (ESTÉS, 2005, p. 283).

A influência das histórias narradas se traduzia com uma certa preocupação pedagógica, que serviria principalmente para instruir moralmente crianças de acordo com os padrões de vida da sua sociedade. As crianças que pertenciam à classe social mais elevada eram encaminhadas a escola e lá eram orientadas por educadores da época.

As principais leituras eram os livros tidos como clássicos, os de cunho religioso carregados de ensinamentos morais e as literaturas de caráter político. Quanto às crianças das classes populares, eram comuns as leituras de aventuras e contos folclóricos que eram escritos com fidelidade à tradição oral. “A escola foi sendo concebida e montada como a grande e (mais recentemente) a mais ampla e universal-máquina capaz de fazer, dos corpos, o objeto do poder disciplinar; e assim torná-los dóceis” (NETO, 2000, p. 17).

Nos contos, pelo menos em sua maioria, as narrativas vêm acompanhadas de um conselho moral, os chamados contos morais, em geral as

fábulas de *Esopo*<sup>18</sup>, que segundo ESTÉS (2005) afirma que “desde tempos imemoriais, alguns contos têm sido usados para fazer proselitismo de certas maneiras de ser, agir e pensar” (p. 14). As fábulas de Esopo se destacam por expressar esse tipo de moralismo.

Pensem na Fábula do corvo negro que cobiça uma cintilante urna de vidro cheia de enormes uvas sumarentas. Ele enfia o bico pela boca da urna para apanhar o maior número de uvas possível. Mas, porque enche demasiadamente o bico e não consegue fechá-lo, o corvo não consegue retirá-lo da urna. Ou precisa apanhar menos uvas ou jamais provar os deliciosos bagos e ficar para sempre com o bico preso na vasilha (ESTÉS, 2005, p. 14).

A autora diz que a moral da história dessa fábula de Esopo é mostrar que se alguém tentar se apoderar de tudo que ver ou imagina, talvez não chegue a tirar proveito de nada. “A ideia antiquíssima de que as paixões e os apetites possam aprisionar a alma de modos excepcionalmente prejudiciais enfatiza que a cobiça é a ausência de uma avaliação correta das próprias necessidades”. (ESTÉS, 2005, p. 14). A Lição dada na conclusão das fábulas demonstra que estão sempre carregadas de uma moral e de seus valores ideológicos, propondo uma mensagem a ser decifrada, ensinando sobre a forma correta de como devemos agir, pois o certo sempre terá que ser copiado. É o discurso da moral agindo sobre o sujeito.

As fábulas de Esopo, assim como os demais contos, estão impregnados desse moralismo discursivo. Para Foucault (2010) que explicou em sua obra, *A ordem do Discurso*, onde tratou sobre a formação discursiva, que nenhum discurso é neutro, pelo contrário, todo discurso produz sentindo, produz uma verdade, porém o exercício do poder no qual prevalece o mais forte em relação ao mais fraco, mostra que a repressão opera sobre a humanidade e ainda se faz presente. “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”

---

<sup>18</sup> Esopo (em grego) Aisôpos - Foi um lendário escritor grego que teria vivido na antiga Grécia. A êle se atribui a paternidade da fábula como gênero literário. Foi o maior fabulista do século VI a.C. Disponível em: <http://asfabulasdeesopo.blogspot.com.br/2009/04/biografia-de-esopo.html>, acesso em: 30/10/2015.

(FOUCAULT, 2010, p. 9). Portanto, as fábulas de Esopo foram escritas com o objetivo moral de aconselhar as pessoas a agirem de forma correta.

Benjamin afirmou, em seu ensaio *O narrador*, que os contos de fadas foi o primeiro conselheiro das crianças. “Esse conto sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter” (1985, p. 215). Esse ensaio tem como eixo principal a capacidade de narrar e a de dar conselho através da troca de experiências transmitidas pelas pessoas ao longo do tempo.

Ao fazermos uma análise dos contos ao longo do tempo veremos que tais histórias mostram a realidade local, as desigualdades de classes e suas condições humanas. São retratadas nessas narrativas da época situações como a dos órfãos, das madrastas, dos trabalhadores camponeses que, apesar de livres, tinham que se submeter ao sistema feudal. Assim, muitos deles usavam da oralidade dos contos como uma “rota de fuga” para abrandar as suas condições de trabalhos. Nota-se que durante muito tempo os contos vieram com o intuito de educar e essas histórias ditas populares estão impregnadas de um certo moralismo que perpassou a cultura e os costumes de um povo.

Ghiraldelli descreve que “a escola é reorganizada para ser o mundo da criança, no qual as intromissões não poderão ser feitas em nome do mundo exterior, mas ao contrário, é este que está errado no tratamento das crianças e que, portanto, deve mudar” (1996, p. 17). Antes não se tinha a pretensão de preservar a inocência da criança, pois estas frequentavam os mesmos lugares que os adultos, sem qualquer restrição. Reorganizar a escola seria inserir a criança ao seu novo mundo, um mundo não que a sua singularidade pudesse acontecer, pois na verdade ela estava agora sendo protegida com o intuito de torna-las um adulto obediente, sendo moldadas às exigências da sociedade a qual pertencia.

Sabemos que os contos podem nos revelar muito daquilo que um determinado grupo social acreditava, ou seja, seus valores, costumes e crenças estão contidos nessas histórias que foram transmitidos através da oralidade e que foram sofrendo variações ao longo do tempo em função dos contextos históricos. Portanto, cada contexto propicia diferentes interpretações.

Por exemplo, os folcloristas Jacob e Wilhelm Grimm estudaram os contos, mitos e lendas com o intuito de perceber os alicerces culturais de sua época, pois, como dito anteriormente, no contexto dos contos existem várias ideias expressas em suas narrativas e imagens que simbolizam pensamentos universais. Com isso, as narrativas dos contos de fadas é uma representação de tal momento histórico de uma dada sociedade.

Influenciados pela literatura romântica, os Irmãos Grimm buscaram inspiração nos contos populares para escrever a sua história e contaram com a ajuda de duas mulheres para ir em busca desses contos: “velha camponesa Katherina Wieckmann, de prodigiosa memória e Jeannette Hassenpflug, descendentes de franceses, e amiga íntima da família Grimm” (SOUZA, 1996, p. 30). Foi com a ajuda dessas mulheres que os folcloristas conseguiram reunir os contos clássicos da cultura germânica e, assim, puderam descobrir seu rico acervo.

Selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como a Literatura Clássica Infantil. Entre os contos mais conhecidos, estão: A Bela Adormecida; Branca de Neve e os Sete Anões; Chapeuzinho Vermelho; A Gata Borralheira; O Ganso de Ouro; Os Sete Corvos; Os Músicos de Bremen. A Guardadora de Gansos; Joãozinho e Maria; O Pequeno Polegar; As Três Fiandeiras; O Príncipe Sapo e dezenas de outros, que correm o mundo. Publicados avulsamente entre 1812 e 1822, posteriormente foram reunidos no volume Contos de Fadas para Crianças e Adultos (hoje conhecidos como contos de Grimm) (COELHO, 2009, p. 29).

Estés (2005), ao investigar os Irmãos Grimm, percebeu que eles registraram histórias contadas pelas vozes de seu tempo, ou seja, buscaram retransmitir as experiências que já vinham sendo passadas pelo povo alemão ao longo de gerações.

Le Goff, vai dizer que, “durante muito tempo, no domínio literário, a oralidade continuou ao lado da escrita, e a memória é um dos elementos constitutivos da literatura medieval” (2003, p. 445). O historiador, por sua vez, destacou a importância da memória histórica para as obras literárias, pois é da memória que surge a história a ser contada através da oralidade e a partir da oralidade surge uma narrativa. Isso ocorre quando algo é relatado antes para que

uma história fosse contada. Logo, as histórias contadas no caso dos contos de fadas podem sofrer alterações a partir da influência de escrita do autor, a influência da sociedade, caso haja uma necessidade do autor em mudar a história. Porém, os chamados folcloristas acrescentaram, excluíram e deram forma a essas histórias ao registrá-las de uma maneira que, segundo Estés (2005) nos afirma, “[...] na tradição dos poetas artistas, isso é normal” (p. 20).

Estés (2005) nos revela que os irmãos Grimm excluíram muitas coisas dos escritos da literatura que habitualmente foram encontrados em contos recolhidos por um povo agrícola que não recebeu a chamada educação tradicionalista. Nesse sentido, os contos dos irmãos Grimm passaram a omitir os detalhes *escatológicos*<sup>19</sup> comuns em vários contos da tradição oral.

Todas as menções a sexo, sexualidade, e muitas vezes também a sensualidade, todas as menções a qualquer coisa elementar que pudessem ser consideradas ‘pecaminosas’ ou socialmente inaceitáveis foram mantidas ou excluídas, dependendo da psicologia do contador, do próprio contador e de sua audiência e de quem registrou os contos e do tradutor (ESTÉS, 2005, p. 20).

Portanto, o que podemos notar é que as narrativas são alteradas, ou seja, os contos são moldados de todas as formas. Algumas histórias foram preservadas em sua versão original, já outras foram revistas recebendo as possíveis alterações pedagógicas, principalmente no que diz respeito a colocações de dogmas cristãos e valores da época, pois na Idade Média as histórias eram moldadas para instruir o público infantil. Como afirma Coelho, é perceptível que esses contos tinham por finalidade “divertir as crianças, principalmente as meninas, orientando sua formação moral” (1987, p. 68). A maioria desses contos, em especial os dos irmãos Grimm, foram modificados e suavizados à medida em que iam sendo traduzido iam sofrendo as possíveis alterações.

Podemos concluir até aqui que as literaturas infantis, inicialmente como histórias elaboradas para entreter os adultos, posteriormente voltaram-se para as

---

<sup>19</sup> Doutrina das coisas que devem acontecer no fim do mundo, pode apresentar-se em discurso profético ou em contexto apocalíptico.

crianças, até converterem-se em instrumentos divulgadores de morais. Esta, por sua vez, vem se perpetuando ao longo do tempo cheias de estereótipos que acabam por determinar a construção das identidades, principalmente da identidade feminina, resultado do “modelo ocidental” de pensar a mulher.

É partindo desse jeito de pensar a mulher, culturalmente falando, que mostro a partir das histórias desses contos o que a invenção do ocidente cristão trouxe em nós (mulheres), e junto com a visão do povo do ocidente veio trazendo uma série de signos e significados que foram compondo o jeito de ser de mulheres, traçando perfis diferenciados/ fabricados dentro de uma conduta moralista de uma sociedade em que o seu destino é esculpido de uma forma que seus corpos são assujeitados pelo poder que a moral exerce sobre eles.

No contexto das histórias dos contos de fadas sempre haverá a dicotomia bem e mal. A princesa sempre terá que ser a boazinha. E a madrasta sempre má. Mas o que é ser boa em cada época? Porque a mulher tem sempre que ser boazinha, demonstrando meiguice e delicadeza? Que tipo de ideologia opera diante do ser mulher?

Toda essa dicotomia é fruto de uma construção social e moral em que a sociedade está preocupada em modelar, corrigir e construir não só os corpos para atender aos seus padrões de beleza, mas também de comportamento. Trato aqui dessa moral que está impregnada na sociedade que moldou o jeito de ser da vida das mulheres; uma moral histórica que se faz presente como um peso de um passado carregado até os dias de hoje.

Os Irmãos Grimm, Charles Perrault e Christian Andersen escritores, folcloristas e compiladores de contos de fadas foram reflexos de uma sociedade da repressão, onde seus escritos estavam voltados a educar a partir da moral. Ao final de suas histórias há sempre uma lição de moral a ser dada às crianças e também aos adultos.

### 3.1 A Gata Borralheira e/ou Cinderela: narrando a história

No conto da Cinderela, conhecida e intitulada nos escritos dos irmãos Grimm por A Gata Borralheira, é narrada a história de uma jovem moça, que perdeu sua mãe e que, depois de um tempo, seu pai, um homem rico, casou-se novamente. A mulher com quem seu pai se casou levou consigo, para seu novo lar, suas duas filhas que eram agradáveis e bonitas por fora, mas malvadas e feias por dentro. A pobre órfã teve que enfrentar muito sofrimento, pois sua madrasta e as duas filhas a fizeram de criada e Cinderela era sempre insultada por elas.

Essa pateta vai se sentar conosco na sala? – Perguntaram elas - Quem quer comer pão tem de trabalhar para ganha-lo; vá se sentar como ajudante de cozinha. Confiscaram-lhe suas roupas bonitas, a fizeram vestir uma roupa cinzenta e lhe deram tamanco de madeira para calçar. – olhem só como a orgulhosa princesa está bem-vestida- caçoaram ao levá-la para a cozinha. Ali a menina foi obrigada a fazer trabalhos pesados de manhã á noite, a se levantar com o nascer do sol, a carregar água, acender o fogão, cozinhar e lavar (ESTÉS, 2005, p. 55).

Toda vez que era humilhada, Borralheira ia visitar o túmulo de sua mãe e lá chorava e rezava muito. Sempre que ela estava lá um passarinho pousava em um galho de uma árvore próxima e satisfazia todos os desejos que ela manifestasse. Era dócil, devota e recatada, como sua mãe pediu, pois era assim que uma mulher e, principalmente uma princesa, deveria se comportar na sociedade. Cada conselho repousava sobre um princípio moral do ser mulher!

Então, aconteceu que o Rei anunciou um festival de três dias, mandando todas as belas moças do reino serem convidadas para que seu filho pudesse escolher uma noiva. Borralheira queria muito ir ao baile, mas sempre que pedia à madrasta, esta não deixava, dando-lhe uma tarefa para fazer e dizendo que ela não tinha um vestido para ir. Mas Borralheira conseguiu realizar todos os afazeres com a ajuda dos pássaros, mesmo assim sua madrasta não quis que ela fosse à festa. “Não adiantou nada. Você não pode ir conosco porque não tem roupas e não sabe dançar. Sentiríamos muita vergonha de você”. (ESTÉS, 2005, p. 57). Dizendo isso a madrasta saiu para o baile com as filhas.

Cinderela conseguiu ir para a festa no palácio e com a ajuda dos pássaros a moça foi até o túmulo da mãe e sob o pé da aveleira disse: “ balance e trema. Arvoreta amada, e me cubra toda de ouro e prata. Então o pássaro lhe atirou um vestido de ouro e prata e um par de sapatos bordados com fios de seda e prata” (ESTÉS, 2005, p. 57). Ao chegar no baile, ela não foi reconhecida por ninguém, nem mesmo por sua madrasta e suas filhas que acharam que ela era uma princesa estrangeira, pois estava tão bonita que todos ficaram assombrados com a sua beleza.



**Figura 2:** A Gata borralheira sendo recebida pelo príncipe no baile da realeza.

**Fonte:** ESTÉS, Clarissa Pinkola, Contos dos Irmãos Grimm. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 54.

A ilustração acima, retirada da obra dos irmãos Grimm, mostra a chegada da Cinderela ao baile e o momento em que o príncipe se aproximou dela, convidando-a para dançar. Após isso, ele não dançou com mais ninguém, o baile inteiro. Então, Cinderela quis voltar para casa e, fugindo do príncipe, correu para

chegar antes que sua madrasta retornasse ao lar, para que ela não descobrisse que havia saído. Cinderela fez isso nas três noites de festa, mas na terceira noite, quando fugia do príncipe, a moça perdeu o seu sapato na escadaria do palácio, e o príncipe o encontra. Era pequeno e delicado e inteiramente dourado. O príncipe, na manhã do dia seguinte, procurou o pai da Borracheira e disse-lhe: “- Nenhuma outra moça será a minha esposa a não ser aquela em que este sapato dourado couber” (ESTÉS, 2005, p. 59).

E ouvindo isso a madrasta interesseira, ordenou que suas filhas fossem imediatamente experimentar o sapatinho. E então a mais velha entrou na sala para experimentar o sapato, mais não coube, pois, o dedão do seu pé era longo demais. E logo sua mãe deu um jeito para solucionar a situação.

Então, a mãe lhe entregou uma faca e disse: corte o dedão; quando você for rainha não precisará mais andar. A moça cortou o dedo, forçou o pé a entrar no sapato, sufocando a dor, e saiu com o príncipe. Então ele a ergueu para montá-la em seu cavalo como sua noiva e partiu (ESTÉS, 2005, p. 59).

No caminho, passando pelo túmulo da mãe de Cinderela o passarinho que estava no pé de aveleira, cantando alertou o príncipe pedindo que o olhasse para trás, pois havia um rastro de sangue em seu caminho. O príncipe olhou para o pé da moça e viu que o sangue escorria. Na mesma hora retornou a casa com a falsa noiva dizendo que não era a moça certa e, por isso, a segunda irmã deveria experimentar o sapato.

Então, a segunda moça entrou na sala e conseguiu enfiar os dedos no sapato, mas seu calcanhar era grande demais e a mãe novamente entregou-lhes uma faca e ordenou que a moça cortasse seu calcanhar e assim a moça obedeceu e foi embora com o príncipe. E o príncipe ao passar pelo túmulo novamente foi avisado pelos pássaros que estava sendo enganado. Voltou a casa dizendo que a segunda moça não era a dona do sapato. E perguntou ao pai da Cinderela:

O senhor não tem outra filha? Não- disse o homem. - Só resta uma filha da minha falecida esposa, uma serviçal insignificante e mirrada, mas não é possível que seja a moça que procura. O príncipe disse que deviam trazê-la. Mas a madrasta respondeu: - Ah, não, ela está muito suja; não pode ser vista em hipóteses

alguma. Mas ele estava absolutamente decidido a ter o seu pedido atendido; e eles foram obrigados a chamar borralheira (ESTÉS, 2005, p. 60).

Cinderela foi na sala e experimentou o sapato dourado e, para a surpresa de todos, coube perfeitamente. E, quando se levantou, o príncipe olhou bem em seu rosto, reconheceu a linda moça com quem dançara e exclamou: Essa é a noiva certa! A madrasta e suas filhas ficaram desoladas e com muita raiva. O príncipe montou a moça em seu cavalo e partiu. E no caminho os pombos brancos cantaram de alegria - “olhe para trás, lhe pedimos, olhe para trás, não há um rastro de sangue em seu caminho o sapato não é pequenino demais, para o palácio a noiva certa levará” (ESTÉS, 2005, p. 61).

Os pombos os acompanharam e pousaram nos ombros da moça, um em cada lado. Na hora do casamento as duas irmãs apareceram para adular a moça e participar da sua boa sorte. E no cortejo nupcial até a igreja, a mais velha das filhas da madrasta se sentou à sua direita e a mais nova a esquerda, e os pombos furaram o olho de cada uma. E na saída da igreja, novamente os pombos furaram o outro lado do olho de cada uma. Assim, a maldade e a falsidade delas foram punidas para o resto da vida com a cegueira.

**3.1.1 Além do olhar das narrativas:** Cinderela domesticável, a busca do final feliz: o matrimônio.

No conto da Cinderela o baile era um dos pontos cruciais para arrumar um casamento. A madrasta tinha um grande interesse em casar uma de suas filhas. Pois, casar-se com um príncipe, era sinal de sorte e de um casamento que lhe trouxesse grandes vantagens do ponto de vista político e econômico, os futuros herdeiros que viessem após o casamento seriam importantes para as alianças políticas do reino. Para tanto a mulher se constituía aqui como um bem de troca fundamental para o reinado.

Quando anunciado o baile, a festa era para que o príncipe escolhesse a mulher mais bela. Com padrão de beleza já estabelecido, não se levava aqui em consideração as outras características e virtudes de uma mulher que iriam muito além da beleza. As mulheres do reino foram ao baile para serem “escolhidas” e não para “escolher” um príncipe, o que mostra o domínio do homem perante a mulher na sociedade ocidental, onde o patriarcado se fazia presente. Segundo Zolin (2001) a história da cultura ocidental se solidificou com o conhecimento do homem.

Em função disso, é comum encontrar entre as obras da [...] literatura imagens de mulher estereotipadas segundo o modelo da sociedade patriarcal, caracterizadas pela submissão, pela resignação, pela espera, pelo sofrimento, pela saudade etc. Segundo a crítica feminista, é, sobretudo, a literatura de autoria masculina que tem, ao longo do tempo, representado o emparedamento da mulher nesse silêncio (ZOLIN, 2001, p. 20).

A mulher sendo construídas a partir do olhar masculino, transmitindo o que a sociedade passava nas entrelinhas das narrativas, encontrava-se a produzida cultural e moralmente para seguir normas de submissão, para agradar ao seu marido e a sociedade com suas leis, seus códigos morais, seus discursos que recaia sobre o seu existir. Eram então produzidas, mulheres assujeitadas a todas as formas de controle e repressão.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo, investiu a sociedade capitalista (FOUCAULT, 1979, p. 80).

A sociedade através do seu poder moralista e controlador investiu diferentes disciplinas na construção de subjetividades, para docilizar e ao mesmo tempo controlar cada detalhe. Dizendo o que é o certo e o que é o errado e que tipo de comportamento seguir. Normatizando corpos, a partir de discursos que produzem “verdades” sobre a mulher e sobre seu corpo.

É imposto através da moral um lugar para essa mulher, um destino que foi sendo criado e produzindo verdades sobre o seu existir. O que poderia ser questionado? Pois tudo já era controlado! A moral criava os conceitos, não respeitando a singularidade de cada um.

A moral paira sobre os homens, porque ela é um conjunto de conceitos cristalizados, instituídos, universalizados, enraizados, criados verdadeiros e por isso é um conceito morto, não se movimenta, não tem a fluidez como parceira, está ancorado e, o que é pior, ancora as pessoas. (FELDENS, 2014, p. 45).

O conto da Cinderela, procurou mostrar a realidade de algumas meninas que quando perdiam suas mães passavam depois de um tempo a serem criadas pelas madrastas. Na história da Cinderela, mesmo com a figura do pai em seu lar, a jovem moça acaba se tornando órfã de pai também, pois foi percebido que a responsabilidade de cuidar dos filhos, cabia à mulher. A madrasta então, como segunda esposa, teria que fazer o seu papel de mãe, cuidando de sua enteada.

Em uma passagem do conto, fica evidente a ausência do pai na vida de Cinderela, no momento em que o príncipe vai à casa da moça procurar a verdadeira dona do sapato, e fazendo isso pergunta ao rei se tem uma outra filha? O pai da Cinderela responde ao rapaz que não! O trecho a seguir mostra a resposta do pai ao príncipe, deixando claro que não existia uma figura paterna propriamente dita na vida da jovem moça: “o senhor não tem outra filha? Não- disse o homem -Só resta uma filha da minha falecida esposa, uma serviçal insignificante e mirrada, mas não é possível que seja a moça que procura” (ESTÉS, 2005, p. 60).

O pai além de omitir sua filha, foi capaz de deixa-la que ela se tornasse uma escrava em seu próprio lar. Retratando por sua vez uma Cinderela domesticável. “Para gostar da vida doméstica, as jovens precisam aprender conhece-la e ter sentido sua doçura desde a infância. É somente na casa paterna que se adquire o gosto por sua própria casa [...]”. (CORAZZA, 2004, p. 290). Esses aspectos traduzem o papel da mulher naquela sociedade e com eles os valores ideológicos que foram surgindo e construindo subjetividades.

Cinderela é castigada pela madrasta e suas filhas com os trabalhos domésticos mais pesados da casa, o que mostra as concepções da época em torno da imagem do feminino, que vai muito além da preocupação moralista do cristianismo. A mulher se encontrava restrita ao espaço privado da casa, sendo-lhe atribuído o cuidado do lar, já que Cinderela não era considerada uma princesa e

sim uma serviçal insignificante, como seu pai a chamava, o trabalho que a moça fazia estava restrito aos servos e indigno aos nobres.

O lugar do feminino em plena Idade Média, segundo mentalidade do catolicismo era o da inferioridade, como observado por Joan Scott (1998) a partir do pensamento de São Tomás de Aquino, pois “era necessário que a mulher fosse feita, como diz a Escritura, como auxiliar do homem; não, na verdade, como companheira em outros trabalhos; mas como auxiliar no trabalho da geração” (SCOTT apud BICALHO, 1998, p. 24). A mulher era destinada à procriação e aos cuidados do lar e tinha o sonho do matrimônio como um grande projeto de vida, assim como mostrado no conto da Cinderela.

O baile, o vestido e o príncipe encantado incrementado nas histórias significava o meio de amenizar o sofrimento de muitas mulheres que, a partir das histórias, acreditavam ter a esperança de que suas vidas pudessem melhorar com o casamento, um destino feliz poderia ser dado com enlace matrimonial. A moral religiosa definia o casamento como um dos princípios norteadores da vida de uma mulher, está deveria se casar, uma vez que as mulheres consideradas solteiras não eram bem vistas para a sociedade da época. Sobre moral e destino, Feldens (2014) nos aponta que:

[...] moral e destino estão estritamente amarrados, colados, ‘embretados’, comprometidos. A moral torna-se mantenedora, financiadora do destino culturalmente imposto e preexistente- este destino do dever-se, da filiação, do ‘xeroquismo genético’, da viciante intoxicação das raízes culturais. O destino que escreve desde logo o fim, como se a vida fosse passível de controle, de ajustes, regulagens[...]. (FELDENS, 2014, p.46).

Assim era a personagem Cinderela, típica representação da visão do homem patriarcal, mulher que trouxe consigo a imposição de um destino a ser seguido: o matrimônio. O casamento era a única saída dessas mulheres, que reiteravam o seu papel de esposa fiel e cuidadora através dele. Casar-se era estar enquadrada nos padrões estabelecidos para o gênero feminino.

Na narrativa da Cinderela, a busca do casamento com o príncipe requer sacrifício e dor por parte das suas meio- irmãs que faziam de tudo para se dar bem

às custas de um bom casamento. Apesar dos irmãos Grimm terem excluído muitas coisas que julgavam ser impróprias aos ouvidos do público infantil como por exemplo, os detalhes escatológicos que são comuns aos contos da tradição oral, críticas à igreja, aos senhores e todas as menções ao sexo e até mesmo à sensualidade e outras questões consideradas pecaminosas e socialmente inaceitável pela Igreja Católica eram excluídas de suas versões. Porém, ainda se faz presente nessa literatura situações cruéis e violentas, e dentre essas situações está o momento em que as filhas da madrasta cortam pedaços dos seus pés para que o sapato possa lhe servir.

A primeira filha corta os dedos, porque eram grandes demais para entrar no sapato, e a outra filha corta os calcanhares. [...] “a mãe lhe entregou uma faca e disse – Corte o dedão; quando você for rainha não precisará mais andar. A moça cortou o dedo, forçou o pé a entrar no sapato, sufocando a dor, e saiu com o príncipe” (ESTÉS, 2005, p. 59). A mutilação dos pés, o sacrifício para o casamento, de nada adiantou. As duas irmãs não se adequavam ao padrão de mocinha ‘boa’, e apesar das armações o sapato não coube em seus pés.

As duas irmãs são punidas no primeiro momento com a rejeição. O príncipe só casaria com a dona do sapato, aquela mulher desconhecida do vestido dourado que dançou com ele durante o baile inteiro, como mostra o seguinte trecho da história:

O príncipe se aproximou da desconhecida, tomou-a pela mão e dançaram. De fato ele não quis dançar com mais ninguém e em nenhum momento largou a mão da moça. Se alguém se aproximava e a convidava para dançar, ele dizia: ‘ Ela é meu par’. (ESTÉS, 2005, p.58).

Além da rejeição do príncipe as moças sofreram outros castigos no momento em que os pombos, na ocasião do casamento, bicam e perfuram os olhos das duas filhas da madrasta, cegando-as. As filhas da madrasta ao final da história sofreram sua punição. “A maldade e a falsidade delas foram punidas para o resto da vida com a cegueira” (ESTÉS, 2005, p. 61). Ameniza-se geralmente essa crueldade com um lindo final feliz: aquela moça que sofreu durante toda história, casa-se com o príncipe, saindo da fase de borralheira para ser esposa, mulher fiel

cuidadora do lar, características impostas moralmente pela sociedade patriarcal. A moral presente na narrativa dos contos dos Grimm reforça um papel, um destino a ser dado à mulher através do casamento. A moral não podia ser questionada, pois já era vista como correta e já havia virado lei de uma verdade universal!

### **3. 2 Branca de Neve:** narrando a história

O conto da Branca de Neve mostra a história de uma bela jovem que ficou órfã de mãe muito cedo. O pai da princesa, depois que viúvo ficou, casou-se pela segunda vez. A nova rainha, madrasta da doce princesa, era uma mulher bonita, porém muito orgulhosa e dominadora. A mulher muito vaidosa, possuía um espelho mágico diante do qual ficava contemplando sua beleza e costumava perguntar ao espelho sobre a sua beleza: 'Espelho, espelho meu, há no mundo alguém mais bela do que eu? E o espelho respondia: -Não há no mundo ninguém mais bela que vós'. (ESTÉS, 2005, p. 33). A rainha ficava satisfeita, pois afinal o espelho só falava a verdade. No entanto, a princesa cresceu e se tornou cada vez mais bela e quando um certo dia a rainha repetiu novamente a pergunta ao espelho, este respondeu: "Sois a mais bela aqui, reafirmo, mas Branca de Neve é mil vezes mais bela" (ESTÉS, 2005, p. 33). Ao ouvir a resposta do espelho, a rainha ficou lívida de raiva e inveja e desde a hora que viu Branca de Neve teve um mau pressentimento e sentiu ódio pela menina.

A raiva em seu coração foi ficando maior com o passar dos dias, até que chamou um caçador e ordenou que levasse a menina para a floresta, e matasse e como prova do cumprimento da ordem a rainha pediu que ele trouxesse seu pulmão e seu fígado. O caçador obedeceu e em seguida levou a menina para a floresta e lá:

Branca de Neve começou a suplicar: Ai de mim, estimado caçador, poupe a minha vida e me embrenharei na floresta e jamais voltarei. E impressionado com a sua beleza o caçador se apiedou e disse: - Fuja, então, pobre criança. -As feras logo a devorarão, pensou, mas ainda assim sentiu como se lhe tirassem um peso do coração

porque não fora obrigado a matá-la. E justo naquele momento passou uma corça aos saltos, e ele a matou e levou seus pulmões e fígado como provas para a rainha. O cozinheiro recebeu ordens de prepará-los em salmoura e a rainha malvada comeu os pedaços pensando que eram de Branca de Neve (ESTÉS, 2005, p. 34).

Branca de Neve ficou perambulando sozinha pela floresta, assustada, mas a menina encontrou uma pequena casinha e foi acolhida por seus donos, sete anões que a deixaram ficar, fazendo com que nada lhe faltasse. Todos os dias, enquanto os anões iam trabalhar, Branca de Neve cuidava da casa, cozinhava, arrumava as camas, costurava, tricotava e mantinha tudo limpo e em ordem na pequena casa, assim como a moça prometera para os donos.

Enquanto isso no palácio, a rainha, acreditando que havia comido o pulmão e o fígado da enteada, pensou que voltaria a ser a mulher mais bonita do mundo. Porém, ao perguntar novamente a seu espelho se havia no mundo mulher mais bela que ela, o espelho respondeu: “Sois a mais bela aqui, reafirmo, mas Branca de Neve, no alto da colina, fez com os anões moradia e ainda é mil vezes mais bela” (ESTÉS, 2005, p. 36).

A rainha ficou desolada, porque descobriu que o caçador havia lhe enganado e, com isso, ela começou a pensar em um plano de como levar a pobre moça à morte. Pintou seu rosto, vestiu-se como uma velha e foi até a casinha dos anões e anunciou:

-Vendo mercadorias! Branca de neve espiou pela janela e disse: - Bom-dia, mãe, que tem para vender? -Mercadorias de primeira, coisas finas- respondeu- Cordões de todas as cores. – E mostrou-lhe um de seda trançada em cores vivas. “Posso deixar essa mulher honesta entrar”, pensou Branca de Neve, e assim pensando destrancou a porta e comprou o lindo cordão”. (ESTÉS, 2005, p 37).

Branca de Neve comprou o cordão e a velha pediu para apertar o cordão de seu corpete. Branca de Neve deixou que a velha enfiasse o cordão novo. Mas a mulher fez isso com tanta força que tirou o folego de Branca de Neve e a fez tombar no chão como uma morta. E disse a velha bem baixinho: Agora sou a mais bela. E foi se embora.

Quando os anões chegaram viram Branca de Neve caída e inerte no chão como se estivesse morta. E logo viram que seu corpete estava apertado demais, cortaram o cordão e Branca de Neve voltou a respirar, logo desconfiaram que a velha vendedora ambulante não era outra senão a rainha malvada.

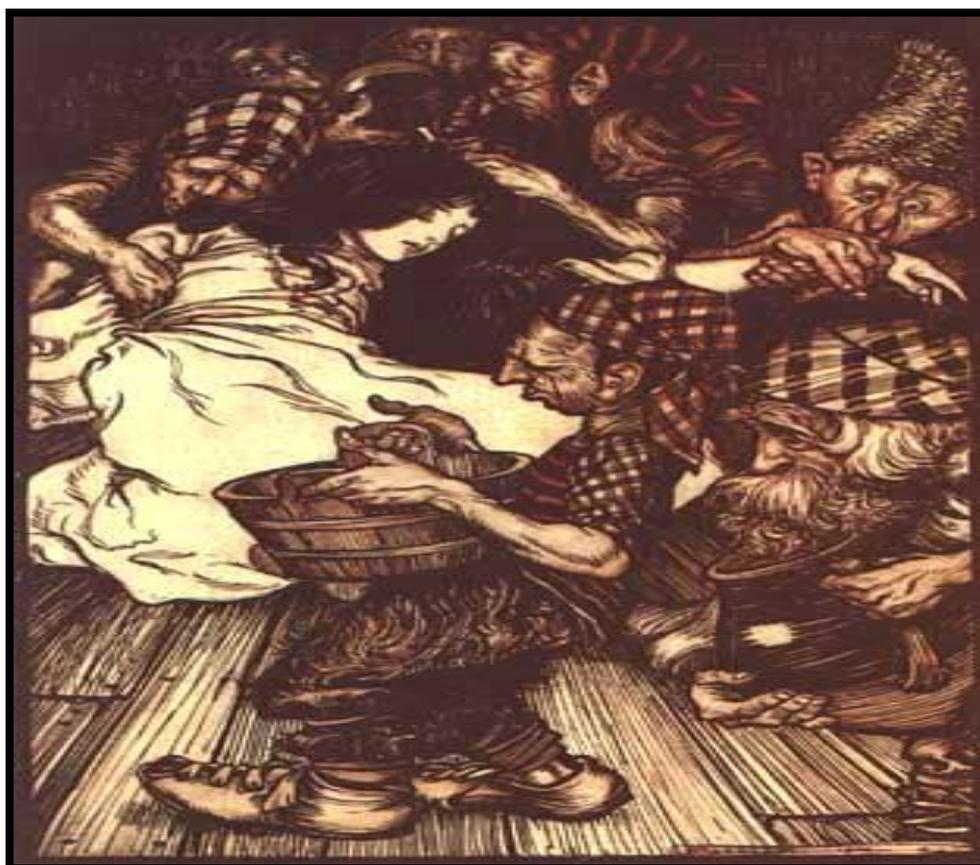
A rainha, assim que chegou em casa, dirigiu-se ao espelho para fazer a mesma pergunta como de costume, o espelho novamente respondeu: “-Sois a mais bela aqui, reafirmo, mas Branca de Neve, no alto da colina, fez dos anões moradia é ainda mil vezes mais bela” (ESTÉS, 2005, p. 38). Quando ouviu isso a rainha ficou furiosa e logo pensou em um outro plano para dar fim à Branca de Neve. Recorrendo à feitiçaria, a rainha preparou um pente envenenado e criou um disfarce de velha diferente do primeiro. E, novamente, foi ao alto da montanha. Chegando à casa dos anões, anunciou que estava vendendo mercadorias:

Vendo mercadorias finas. Branca de Neve espreitou-se pela janela e disse: - Vá embora não posso deixar ninguém entrar. –Mas pelo menos pode olhar- respondeu a velha mostrando-lhe o pente envenenado. A menina gostou tanto que se deixou enganar e abriu a porta. Depois de concluir venda a velha disse: - Agora, só desta vez, vou pentear os seus cabelos direito. A pobre Branca de Neve sem suspeitar de nenhuma maldade, deixou a mulher fazer o que queria, mas mal o pente prendeu em seus cabelos o veneno agiu e a menina caiu desacordada. –Seu modelo de beleza- disse a malvada-, agora a vida acabou para você – E foi se embora (ESTÉS, 2005, p. 38).

Os anões chegaram em casa e quando viram Branca de Neve no chão, logo suspeitaram que a madrasta má havia passado por ali e, assim que retiraram o pente, Branca de Neve recuperou os sentidos. Os anões tornaram a alertá-la para ficar atenta e não abrir a porta. A rainha, ao chegar em casa, passou pelo espelho e fez a pergunta de costume e o espelho novamente falou que Branca de Neve era mil vezes mais bela. A partir daí a rainha ficou ainda mais furiosa e, tremendo de tanta raiva, disse: Branca de Neve morrerá mesmo que me custe a própria vida!

Logo depois ela preparou uma maçã envenenada para entregar à Branca de Neve. A linda jovem, acreditando que aquela era uma bondosa velhinha camponesa, aceitou sua maçã, e assim que mordeu um pedaço, caiu morta. A rainha, ao chegar em casa, perguntou ao espelho: “Espelho, espelho meu, há no

mundo alguém mais bela do que eu? E finalmente ele respondeu: - Não há no mundo ninguém mais bela que vós” (ESTÉS, 2005, p. 40). Então seu coração invejoso se aliviou.



**Figura 3:** Branca de neve sendo socorrida pelos anões.

**Fonte:** ESTÉS, Clarissa Pinkola, Contos do Irmãos Grimm. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 32.

A imagem acima retrata o momento em que Branca de Neve, depois de comer a maçã, é socorrida pelos anões. A moça foi encontrada caída no chão completamente morta, fizeram de tudo para reanimá-la, mas nada adiantou. Era necessário enterrá-la, mas ela continuava corada, com aparência de uma pessoa viva. Então, os anões mandaram fazer um caixão de vidro para que ela pudesse ser contemplada de todos os lados, onde a colocaram, e a levaram para o alto da montanha, ficando um deles ao seu lado, protegendo-a. Permaneceu por muito tempo em seu caixão, como se estivesse dormindo. Até que um príncipe passou

por ali e viu a linda Branca de Neve e, depois de ler no seu caixão de vidro os dizeres que lá estavam escritos, pediu aos anões para levá-la com ele, e assim o fez. Porém, seus servos, que carregavam o caixão, tropeçaram, e com a sacudidela, o pedaço da maçã envenenada que Branca de Neve mordeu, saltou de sua garganta.

Meu Deus, onde estou?- perguntou. O príncipe muito alegre respondeu: -Você está comigo.- E contou-lhe o que acontecera; por fim disse: - Eu a amo mais do que o mundo inteiro; venha comigo para o castelo do meu pai e seja a minha esposa. Branca de Neve concordou e o acompanhou, e seu casamento foi celebrado com grande pompa (ESTÉS, 2005, p. 41).

A madrasta, que acreditava ter matado Branca de Neve, também foi convidada para o casamento. Ao chegar lá, reconheceu a enteada e ficou muito assustada com a surpresa. Porém, os serviçais do castelo já haviam preparado para ela sapatos de ferro, recém tirados do fogo, os quais ela teve que calçar e dançar a noite inteira. Exausta e se retorcendo de tanta dor, no fim da noite, a malvada mulher deu seu último suspiro e morreu.

### **3.2.1 – Além do olhar das narrativas: Branca de Neve: beleza, corpo e poder.**

O conto da Branca de Neve deixa claro a exaltação da beleza. A rainha muito bela, não queria que ninguém tivesse uma beleza maior que a dela e por inveja quis matar Branca de Neve. Nos contos, tanto a princesa quanto o príncipe se destacam por sua beleza. A princesa magra, branca de cabelos lisos, dona de uma beleza exuberante. Estereótipo feminino de beleza da cultura Europeia. E o príncipe lindo, forte, corajoso e protetor. A beleza nas narrativas dos contos é então colocada como uma das principais características e valores atribuídos às mulheres, um pré-requisito importante para que surja o encantamento do príncipe pela princesa.

Em Branca de Neve a rivalidade entre a jovem moça e a rainha se dá pelo fato da rainha invejar sua beleza. No conto da Cinderela a moça, que era maltratada pela madrasta, ainda por ser simples apresentava ser muito bela e

tornou-se mais bela ainda quando se vestiu para ir ao baile, pois ninguém notou que era aquela jovem doméstica atrelada ao borralho que estava na festa. A citação abaixo mostra o encantamento do príncipe pela beleza de Branca de neve, mesmo estando desacordada dentro do caixão. Pediu então aos anões:

-Deixem-me levar o ataúde; eu lhes darei o que quiserem.

Mas eles responderam: - Não o cederemos nem por todo ouro do mundo. O príncipe insistiu: - Então me ofereçam de presente, porque não posso viver sem a visão de Branca de Neve; e eu honrarei e respeitarei como se fosse o meu tesouro mais valioso. (ESTÉS,2005, p.40).

Além da beleza existem outras características que ficam evidenciadas nos contos de fadas tradicionais: a mulher como dona de uma fragilidade, incapaz de se defender dos perigos por elas encontrados. Ser frágil é uma característica culturalmente e biologicamente dada as mulheres pelo fato de ter nascido mulher. A imagem da mulher passiva, que vive a espera de alguém para lhes salvar é a todo momento evidenciada nos contos das princesas. Já o homem é visto como o forte e corajoso, o ativo.

[...] O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem 'científica', a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender- e justificar- a desigualdade social". (LOURO, 2010, p. 20 e 21).

É essa a imagem da feminilidade e de masculinidade que vai sendo introduzido no imaginário de quem lê sobre essas histórias. Fazendo com que haja interpretações errôneas acerca do que deve ser uma mulher. E o que é ser mulher? E o que é ser um homem? Padrões de beleza estabelecidos pela sociedade ocidental, construídos historicamente e culturalmente, carregados de significados que diferenciam pelo biológico a fragilidade da mulher. E a força do homem.

Os contos mostram comportamentos e valores que contribuem para a reprodução de tantos outros. Contar uma história com um final feliz atrelada ao casamento é introduzir o desejo de meninas que ao lerem sobre os contos, sonhem

em ter uma vida comparada as 'princesas' dos contos de fadas, passando assim a viver em função da espera de um dia encontrar um lindo príncipe encantado e com ele se casar.

Na história da Branca de Neve a mulher também é apresentada como doméstica no momento em que a moça chega na casa dos anões. Conta a sua história, diz que está correndo perigo, pois sua madrasta deseja se livrar dela e que na grande floresta foi salva pelo caçador. "Então os anões disseram: -Quer cuidar de nossa casa? Cozinhar, fazer as camas, lavar, costurar, tricotar e manter tudo limpo e arrumado? Se quiser pode ficar morando conosco e nada lhe faltará" (ESTÉS, 2005, p. 36).

Os anões aceitaram que Branca de Neve morasse em troca da arrumação de seu lar e ela aceitou as condições em troca de proteção e um lugar para ficar. Logo tratou de deixar a casa sempre em ordem. Fazendo relação com o conto da Cinderela, nota-se que essa ocasião é bem diferente da anterior, pois em Cinderela a garota era maltratada pela madrasta e suas filhas que não a protegiam de forma alguma. No entanto, são dois casos diferenciados, porém iguais nas situações da mulher evidenciada pelo papel de cuidar do lar.

A questão do final feliz atrelado ao casamento, aqui também é evidenciado de uma forma diferente da busca pelo príncipe encantado como referido no conto da Cinderela. Quem encontra Branca de Neve e a leva para casa, sendo dada como morta, é o príncipe. E, ao acordar, a moça concorda em se casar com ele.

Meu Deus onde eu estou?- perguntou. O príncipe muito alegre respondeu: -Você está comigo. – E contou-lhe o que acontecera; por fim disse:- Eu amo mais do que o mundo inteiro; venha comigo para o castelo do meu e seja a minha esposa. Branca de Neve concordou e o acompanhou. (ESTÉS, 2005, p. 41).

Outro ponto que julgo interessante em destacar é a maldade revelada nos contos tradicionais dos Grimm. Em Branca de Neve, por exemplo, no primeiro momento a maldade se encontra nos planos da rainha para matar a garota esquartejada na floresta pedindo depois para o caçador, trazer seus pulmões e

fígado como a prova de sua morte. “O cozinheiro recebeu ordens de prepará-los em salmoura e a rainha malvada comeu os pedaços pensando que era da Branca de Neve” (ESTES, 2005, p.34). Como prova de vingança a rainha comeu os órgãos que o caçador lhe trouxera, achando que teria comido os de Branca de Neve e quando descobriu que a jovem moça não tinha sido morta, começou a tramar outros planos para a sua morte, o envenenamento pela maçã foi um deles e o que fez com que a moça ficasse desacordada por muito tempo.

Um segundo momento cruel da história, é o castigo dado à rainha para que a ela morresse sofrendo com muitas dores. “Mas o príncipe mandou esquentar sapatos de ferro ao fogo, apanhá-los com pinças em brasa e colocá-los diante dela. A rainha foi obrigada a calçá-los e dançar até cair morta” (ESTÉS, 2005, p. 41). Nos contos modernos o final dessa história existe com um certo abrandamento da crueldade, pois os escritores com o passar de cada época, foram fazendo alterações na história para ficar apropriado ao público infantil.

### **3.3 Chapeuzinho Vermelho:** narrando a história

Chapeuzinho era uma menina meiga e muito querida por sua vó e por todos que a conheciam. A vó que não se cansava em agradá-la lhe deu de presente um capuz feito de veludo vermelho. A menina gostou tanto do presente que não queria usar outra roupa e por este motivo ganhou o apelido de chapeuzinho vermelho.

Um dia sua Mãe lhe chamou e lhe disse: - Chapeuzinho, leve este pedaço de bolo e essa garrafa de vinho para sua avó. Ela está doente e fraca, e isto vai fazê-la ficar melhor. Vai depressa antes que o dia esquente, não se demore pelo caminho nem corra, para não cair e quebrar a garrafa e deixar sua vó sem vinho. Quando chegar não se esqueça de desejar: Bom dia, educadamente, sem ficar reparando em tudo. Chapeuzinho prometeu que obedeceria a sua mãe e pegando a cesta com o bolo e o vinho, despediu-se e partiu. Sua avó morava no meio da floresta, distante uma hora e meia da vila. Logo que Chapeuzinho entrou na floresta, um Lobo apareceu na sua frente (ESTÉS, 2005, p. 283).

A garota não sabia que o lobo estava mal intencionado, e acreditando que o animal não seria um ser perverso, por esse motivo não sentiu medo algum. Saudou o lobo com um bom dia. E o lobo, logo em seguida, perguntou onde a garota iria tão cedo? A menina respondeu que estava indo à casa da avó e que levava na cesta bolo e vinho. E mais perguntas foram feitas, pois o lobo queria saber onde morava a avó da menina. Chapeuzinho explicou o caminho e o lobo o acompanhou.

O Lobo pensou consigo: 'Esta será um petisco. Bem mais gostosa que a velha. Preciso se esperto e abocanhar as duas'. O animal acompanhou chapeuzinho vermelho por algum tempo e depois disse: - Veja que bonitas flores, chapeuzinho vermelho porque não dá uma espiada a sua volta? Acho que você nem ouve os pássaros cantando, está séria como quem vai para escola. Tudo é tão alegre aqui na floresta! Chapeuzinho ergueu os olhos, e quando viu a luz do sol dançando entre as árvores, e todas as flores vivamente coloridas, pensou: Tenho certeza de que a vovó ficaria satisfeita se eu lhe levasse um buquê de flores. Ainda é muito cedo; terei bastante tempo para apanhá-las. (ESTES, 2005, p. 285).

Chapeuzinho saiu da trilha e foi caminhando entre as árvores para colher as flores. E sempre que apanhava uma flor, via outra mais bonita adiante, e ia atrás dela. Assim, foi entrando na floresta cada vez mais. Enquanto isso, o Lobo correu à casa da avó de Chapeuzinho e bateu à porta: "Quem é? - Chapeuzinho Vermelho, que veio lhe trazer bolo e vinho. Abra a porta! – Empurre o trinco! – Gritou a velha - Estou fraca demais para me levantar" (ESTÉS, 2005, p. 285).

O Lobo entrou na casa, foi direto à cama da vovó e a engoliu antes que ela pudesse vê-lo. Então ele vestiu suas roupas, colocou sua touca na cabeça, fechou as cortinas da cama, deitou-se e ficou esperando Chapeuzinho Vermelho. E quando Chapeuzinho retornou ao caminho da casa de sua avó, chegou à casa e, para sua surpresa, encontrou a porta aberta. Quando entrou, quarto e tudo mais parecia tudo muito estranho. Ela se sentiu apreensiva, porém não sabia a razão. "Em geral gosto tanto de ver a vovó", pensou e então disse: Bom dia vovó. – Mas não recebeu resposta. Foi então até a cama e abriu o cortinado. (ESTÉS, 2005, p. 285.).



**Figura 4:** Chapeuzinho e o lobo

**Fonte:** ESTÉS, Clarissa Pinkola, Contos do Irmãos Grimm. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 284.

A imagem acima mostra o momento em que a menina puxa a cortina e encontra o lobo na cama da sua avó. Mesmo assim Chapeuzinho não o reconheceu, pois o lobo havia puxado a touca para cobrir seu rosto e com a aparência estranha a menina começou a fazer perguntas:

- Vovó, que orelhas grandes a senhora tem! –Comentou - É para ouvi-la melhor, minha querida. –Vovó, que olhos grandes a senhora tem. -É para vê-la melhor, minha querida. –Mas, vovó, que dentes grandes a senhora tem.- É para comê-la melhor, minha querida (ESTÉS, 2005, p. 285).

O lobo, então, devorou a pobre menina. E quando se deu por satisfeito, voltou para a cama e começou a roncar alto. Um caçador que passava por perto escutou, achou estranho que uma velhinha roncasse tão alto e decidiu ir dar uma olhada. Entrou na casa e viu deitado na cama o Lobo que estava dormindo:

E não é que o encontro aqui, seu velho pecador! – exclamou - Faz bastante tempo que venho procurando você. E ergueu a espingarda para atirar, mas ocorreu-lhe que talvez o lobo tivesse comido a velha e que talvez ainda pudesse salvá-la. O caçador apanhou uma faca e começou a abrir a barriga do animal. No primeiro corte viu o pequeno capuz vermelho e com mais alguns golpes a menininha pulou para fora e exclamou: Ah que medo estava tão escuro dentro do lobo! – Em seguida a velha avó saiu, viva, mais mal conseguia respirar. (ESTÉS, 2005, p. 286).

Então Chapeuzinho pegou algumas pedras grandes e pesadas e colocou dentro da barriga do lobo. Quando o lobo acordou tentou fugir, mas as pedras estavam tão pesadas que o arrastaram para trás o lobo caiu e morreu. Todos ficaram contentes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa. A avó comeu o bolo e bebeu o vinho que sua neta trouxera e logo se sentiu mais forte. Chapeuzinho vermelho pensou: “Quando a minha mãe proibir, nunca mais vou sair passeando pela floresta enquanto viver”. (ESTÉS, 2005, p. 286). E assim a garota aprendeu a lição.

### **3.3.1 Além das narrativas: Educação e obediência**

Os contos de fadas tradicionais acabam que estabelecendo modelos, delimitando valores e condutas para serem seguidos pelas mulheres, seja elas jovens, adultas e idosas, pois em suas histórias estão contidas a lição e a moral. A Chapeuzinho vermelho é apresentada em sua história como uma menina boazinha, frágil e ingênua. Características associada às mulheres da época em que os contos foram narrados traduzia-se a partir da visão de mundo do autor sobre a personalidade feminina.

Esse conto narra a história da menina que foi incumbida pela sua mãe de levar alimento para a sua vó que estava doente. Antes de ir á casa da avó Chapeuzinho recebeu algumas advertências de sua mãe para tomar cuidado pelo caminho e não se deixar levar pelos perigos que a floresta trazia. Porém, encontrou o lobo pela floresta e se deixou seduzir pela conversa ardilosa do animal que aproveitou a ingenuidade da menina e fez com que ela desobedecesse sua mãe.

Nota-se que nenhum momento a garota percebeu que o lobo era malvado e por este motivo não sentiu medo dele.

Chapeuzinho Vermelho é um exemplo claro desse caráter moralmente educativo percebido dentro do contexto das narrativas. A menina desobedeceu sua mãe, saiu da trilha para pegar flores e foi enganada pelo lobo. Sua desobediência ocasionou sérios problemas para ela e para a sua avó. Mas a menina aprendeu a lição. “Quando a minha mãe proibir, nunca mais vou sair passeando pela floresta enquanto viver” (ESTÉS, 2005, p. 286). Dito isso, as crianças levam para si uma lição: não desobedecer aos pais e nem falar com estranhos.

Ensina-se com a palavra, com o dizer, com o exemplo. E ensinar com o exemplo é pôr quem ensina também numa situação de obediência, ou seja, quem ensina deve estar ‘correto’, obedecendo a este ‘correto’. Mas...quem é este ‘correto’ a que todos obedecemos?. (FELDENS,2014, p. 52).

O lobo mau e a floresta eram, na verdade, um mecanismo utilizado pelos adultos para que as crianças não andassem sozinhas e nem falasse com pessoas que não conheciam. A moral ao final da história deixa bem claro que toda criança deve prestar obediência aos seus pais. Mas essa obediência não era somente aos pais, mais sim à sociedade em que culturalmente a mulher/ menina deveria obedecer.

O mundo infantil está composto de inúmeras fantasias, contos, histórias que arrastam consigo esta moral- a moral do mundo adulto. A infância e, pois, essa criação social que está entremeada de moral. A moral faz alicerce para esta ‘casa’. ‘Cria-se’ uma criança habitando esta invenção, este lugar. (FELDENS, 2014, p. 52).

A menina demonstra na história o quanto é ingênua, pois, não consegue identificar na figura do lobo o grande perigo, nem mesmo no momento em que conversou com ele e se deixou influenciar pela sua conversa. Muito menos quando, mais tarde, o lobo se veste com as roupas de sua avó, passando-se pela mesma. A garota se sente apreensiva no início, porém não percebeu que estava correndo riscos de ser atacada pelo animal.

Se chapeuzinho não fosse tão ‘frágil’, teria enfrentado o lobo, ou, talvez o lobo poderia ser seu amigo, não querer lhe fazer mal; os

animais não podem ser pensados apenas como úteis ou nocivos. Ou então a mãe poderia ter se enganado, adultos também se enganam. (FELDENS, 2014, p. 51).

A moral da história é que as mulheres precisam aprender a obedecer para tomar conhecimento que os 'lobos' são muitos perigosos e se desviar do caminho das regras antes estabelecidas não é a melhor solução. Era preciso criar o medo para coagir o comportamento feminino à obediência e moldá-las a fim de que elas aceitassem toda e qualquer forma de imposição, sem critério de escolhas.

[..] Considerando que a obediência foi o que mais se praticou e cultivou entre os homens, pode-se concluir que todos nós temos a necessidade de obedecer, como uma espécie de consciência formal que ordena: 'Deves fazer isso ou aquilo sem discutir'. Essa necessidade procura saciar-se e dá um conteúdo a sua forma [..]. (NIETZSCHE, 2006, p. 92)

A obediência através da moral virou verdade e fixou o sujeito não permitindo que a sua singularidade acontecesse. Além da questão do obedecer, é evidenciada também nessa narrativa a subordinação da mulher ao poder masculino no que diz respeito a força e valentia, uma vez que Chapeuzinho e sua avó foram salvas pela sagacidade e bravura do homem no personagem do "caçador". Para o feminino era associada a fraqueza e para o masculino atribuía-se a proteção e a coragem.

Podemos dizer que os contos do século XIX dos Irmãos Grimm não serviam somente para mostrar os perigos em torno da floresta na qual habitavam os lobos. Essas histórias serviam para advertir as meninas/moças sobre o perigo que corriam se não ouvissem os conselhos de sua mãe, pois o mundo lá fora era potencialmente perigoso e cheio de "lobos". E para os pais dessas frágeis meninas elas deveriam permanecer no privado sob sua vigilância e proteção do lar. "É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado" (FOUCAULT, 2005, p.118). Neste sentido, o conto de fada tem a função de disciplinamento.

Sobre a questão da crueldade, que perpassa toda narrativa dos contos de fadas, nota-se que o personagem que foi bonzinho durante toda a história é recompensado com um lindo final feliz. E aqueles que detinham a maldade em seu

coração foram punidos. Em chapeuzinho vermelho, os pontos em que se percebe a crueldade é na parte em que o lobo come a menina e a avó, sendo as duas logo em seguida salvas pelo caçador. E no final da história, quando Chapeuzinho Vermelho, como sinal de justiça, ajuda o caçador a matar o lobo. Como apontado por Estés (2005) “Chapeuzinho Vermelho trouxe umas pedras grandes com as quais ela e o caçador rechearam o lobo, de modo que, quando o animal acordou e tentou correr, as pedras o arrastaram para trás e ele caiu morto”. (p. 286). Assim, a menina que antes se apresentava como boazinha, nesse desfecho, mostra uma outra personalidade, vingando-se do lobo e o punido pelos seus atos.

Os contos franceses, como o de Perrault por exemplo, tinham uma tendência a serem realistas, grosseiros e em outras vezes cômicos. Os Irmãos Grimm mostravam o caráter romântico, o sobrenatural, poético e em algumas narrativas o violento e o cruel. Era a maneira de encarar realidade local de seu povo. As histórias são fruto da crueldade que ocorriam na região. Alguns relatos orais acabaram ganhando versões mais leves. Mas em sua maioria os contos traduziam os valores morais ditados pela sociedade medieval. [...] ‘Sou a única moral, não há outra além de mim’ ! Sim, com o auxílio de uma religião que se sujeitava aos mais sublimes desejos do rebanho, encontramos a moral até nas instituições políticas e sociais[...]. (NIETZSCHE, 2006, p.96). Traduzindo, assim, a vida cotidiana de um povo marcado pela repressão dos propagadores da moral, mantenedores de ordens.

As três narrativas mencionadas nesse trabalho naturalizam para o gênero feminino atributos que foram fixados pela moral tendo em vista um papel social para as mulheres que precisam ser disciplinadas, boazinhas e obedientes como a personagem da Chapeuzinho Vermelho. Ser bela, sensível, dócil e paciente, como Cinderela e Branca de Neve, que mesmo perante as situações em que se encontravam não tinham o poder do questionamento e eram consideradas fracas e inocentes, porque esperavam ser salvas por alguém, por um homem, justificando o que os discursos dos contos procuram mostrar: as mulheres são mais dóceis e dependentes devido a suas características femininas.

#### 4 A CONSTRUÇÃO DA MORAL OCIDENTAL E SEUS RESQUÍCIOS NA CONTEMPORANEIDADE.

O mundo dos homens instruídos da Idade Média trouxe modelos de conduta, tanto para as crianças como para os adultos. Pois era necessário aprender a se comportar socialmente. Isso influenciou na construção de “valores e conceitos”, que foram agindo nos corpos, desenhando modelos de homens e mulheres levando a criação de uma sociedade conservadora e preconceituosa. Essa mesma sociedade traz consigo um discurso e uma moral que cria valores que normatiza os sujeitos. E são esses “valores” criados pela moral que a obra “*A genealogia da moral*” do filósofo Nietzsche (2002), vem trazendo. O filósofo denuncia a moral cristã que predomina na cultura ocidental.

Os contos são um objeto que me serviu como crítica a essa sociedade ocidental que moldou por muito tempo mulheres dentro de seus padrões ditos “certos”. Pertencer e ser aceito (a) ao grupo é uma necessidade das pessoas, onde se espera atender ao perfil daquela comunidade criada, pois cada uma constrói um modelo a ser seguido, modelos de conduta e normas, disciplina, e nessa criação inserem a moral como instrumento de formação empregado na educação de homens e mulheres em uma sociedade que advém de recursos como práticas discursivas de poder, estratégias para a formação de subjetivação similar, para serem corpos sujeitados aos seus governos.

As narrativas dos contos são criadas e seus significados são reproduzidos de acordo com cada modelo que a sociedade criou. É fato que as narrativas orais desempenharam um papel importante para a literatura e conseqüentemente para a sociedade, porém trazem marcas de um passado longínquo, que recaem sobre a mulher. Rago (2012) menciona que:

[...] a construção de um modelo feminino universalizante foi imposta historicamente pelo discurso médico vitoriano, pelo direito, pela família, pela igreja, enfim, pelo olhar masculino reforçado principalmente nos centros urbanos, pelos estímulos da indústria de consumo (RAGO, 2012, p. 282-283).

Essa imposição histórica feita por uma prática discursiva vitoriana nos mostra que esse modelo universalizante do “ser mulher” veio impregnado de um discurso de moral retratando na literatura de como essa mulher deveria ser representada na sociedade. Eram produzidos modelos de mulheres a partir de métodos disciplinares que faziam parte de um conjunto de saberes e poderes culturalmente construídos pela sociedade ocidental.

Sobre essa construção da moral no ocidente cristão Nietzsche (2002) faz um estudo sobre a moral e sua origem. Pois, para o filósofo a moral tem uma história, tem sua própria genealogia. Partindo desse estudo, Nietzsche dá início a uma genealogia da moral, e se utiliza de conceitos que norteiam a tradição moral, que é o “bem e mal / bom e mau”. Em uma passagem do prefácio da obra o filósofo deixou claro que se faz necessário criticar e discutir certos valores.

Necessitamos uma crítica dos valores morais, e antes de tudo deve discutir-se o ‘valor desses valores’, e por isso é de toda a necessidade conhecer as condições e os meios ambientes em que nasceram, em que se desenvolveram e deformaram. (NIETZSCHE, 2002, prefácio XIV).

É importante saber, como foi construída essa moral e junto com ela seus “valores”. O primeiro ensaio da obra intitulada: “Bem e mal” – “Bom e mau” Consiste em entendermos a psicologia do cristianismo no qual se diferencia a moral dos senhores e a moral dos escravos. Psicologia esta que o filósofo menosprezava e desejava que fosse diferente do que pregavam.

[...] desejo que estes investigadores, que estudam a alma ao microscópio, sejam criaturas generosas e dignas, que saibam refrear o coração e sacrificar os seus desejos à verdade, a “toda” verdade, ainda a verdade simples, suja, repugnante, anticristã e imortal [...] porque tais verdades existem. (NIETZSCHE, 2002, p. 2).

O que Nietzsche vem denunciar na sua análise genealógica são os preceitos morais advindos do homem. A moral não é algo inseparável do homem, é algo que foi desenvolvida e que sofre mudanças. “A futilidade da sua genealogia da moral aparece desde o primeiro passo, desde que se trata de precisar a origem do conceito “bom”. (NIETZSCHE, 2002, p. 2). A filosofia anterior a Nietzsche, com um pensamento religioso, passou a observar os valores como bons em si mesmo.

Nietzsche, na verdade, irá se opor as questões colocadas pelos psicólogos ingleses. O filósofo recusa esses teóricos por eles pensarem de uma maneira “essencialmente anti-histórica”. Para os ingleses o “bom” está diretamente ligado ao que é necessário, ao que tem um propósito de utilidade. “É bom aquilo que, em todos os tempos, se revelou como útil, é daí logo o seu valor essencial” (p. 4). Uma explicação errônea, porém, sensata para os Ingleses.

O exemplo tomado por Nietzsche é o *não-egoísmo*. Os psicólogos Ingleses viam o não-egoísmo como algo bom em si, pois era necessário nas ocasiões que lhes foram precisas. Para esse autor, essa teoria, posta pelos Ingleses, estabelece a origem do conceito “bom” no lugar onde não está:

O juízo ‘bom’ não emana daqueles a quem prodigalizou a ‘bondade’. Foram os próprios bons, os homens distintos, os poderosos, os superiores que julgaram ‘boas’ as suas ações; isto é, ‘de primeira ordem’, estabelecendo esta nomenclatura por oposição a tudo quanto era baixo, mesquinho, vulgar e vilão (NIETZSCHE, 2002, p. 3).

Nessa passagem de recusa percebemos o pensamento de Nietzsche, o qual nos aponta que “O *bom* é ligado ao *nobre* e *não ao útil*”. Ou seja, é o próprio bom que diz que é bom. O bom é forte, é o que agrada, o que deseja muito com o certo apetite de cobiça. O que existiu na história da humanidade foi a moral dos fortes, da raça superior e dominante em oposição a uma raça inferior. Foi isso que originou o que é ser “bom” ou “mau” na sociedade. A raça forte, que era a dos senhores, foi dividida em duas classes que eram rivais: a classe guerreira, considerada a dominante, que cultuavam as virtudes dos corpos; e a classe sacerdotal, que tinha como objetivo criar o espírito. Foi a partir dessas duas classes e sua rivalidade que nasceu “a moral dos senhores e a moral dos escravos”.

A moral aristocrática dos nobres atribui valor em si mesmo “nós os aristocratas, nós os bons, os formosos, os felizes” (NIETZSCHE, 2002, p. 12.). Esses são os fortes e poderosos senhores que não dependem de nada e nem de ninguém para conseguir o que almejam, só dependem de si próprios. Os nobres senhores se auto intitularam bons, o bom aristocrata, o bem-nascido, o privilegiado!

Os nobres, por estarem em uma classe superior em relação aos homens simples, julgavam-se poderosos, não só por se considerarem bons em tudo. Mas também pela sua superioridade no poder. Então, o juízo “bom” derivava dos homens que julgavam boas as suas ações, sem levar em consideração a utilidade das mesmas. Porém, com um único objetivo se diferenciar dos demais.

Assim, a aristocracia defendeu os valores a partir dela. Afirmou-se que eram os bons pela característica da disputa, da força, de vencer a guerra, pois se tornaram forte porque lutaram contra os outros. Foram os conquistadores por buscarem o que almejavam da vida, faziam parte da casta dos guerreiros que vão para a luta atrás do que querem. Os aristocratas eram seres ativos, exaltavam a beleza e atribuíam valor a si mesmo. Uma das características mais importante é que os aristocratas são aqueles que podem expressar os seus instintos, o forte, o senhor tem o domínio da vontade de poder, a superioridade social dos senhores sustenta um sim e atribuíam esse sim a sua própria valoração.

Para contrapor esse conceito de bom, criou-se o conceito de (ruim ou mau) para tudo que não faz parte das características de um nobre. É ruim ser um indivíduo que faz parte da plebe (plebeu), porque está em uma posição inferior aos dos nobres, uma pessoa comum sem status social. É ruim ser pobre e vulgar. Uma distinção meramente estamental<sup>20</sup>. Porém, nas sociedades em que as castas mais elevadas são sacerdotais, Nietzsche (2002) identificou que havia uma interiorização dos conceitos por meio dos sacerdotes que viam nesses conceitos um ideal de valor.

É que nos sacerdotes tudo se torna mais perigoso, não só a dietética e a terapêutica, senão também o orgulho, a vingança, a perspectiva, o amor, a ambição, a virtude e a doença. Contudo é justo consignar que no meio destes perigosos ‘sacerdotais’ começou o homem a ser um ‘animal interessante’ e adquiriu sua alma a ‘profundidade’ e a ‘maldade’, que são os atributos

---

<sup>20</sup> Estamental constitui uma forma de estratificação social com camadas sociais mais fechadas do que as classes sociais, e mais abertas do que as castas. Os estamentos caracterizaram a sociedade feudal durante a Idade Média. Disponível em <[http://www.prof2000.pt/users/dicsoc/soc\\_e.html#estamento](http://www.prof2000.pt/users/dicsoc/soc_e.html#estamento)> acesso em 18 de novembro de 2015.

capitais, que lhe asseguraram a supremacia sobre o reino animal. (NIETZSCHE, 2002, p. 8).

Com isso houve a inversão do conceito de bom através dos ideais de valoração dos sacerdotes que pensavam em oposição ao modo como viviam os guerreiros. “Os sacerdotes são os inimigos mais malignos; porquê? Porque são mais impotentes. A impotência faz crescer neles um ódio monstruoso, sinistro, intelectual e venenoso” (NIETZSCHE, 2002, p. 8-9).

A revolta dos escravos, segundo Nietzsche (2002) se deu no momento em que os judeus perderam para Roma em uma batalha. Vence então Roma fazendo com que o ódio dos judeus aumentasse, iniciando assim uma revolta. Cheia de rancor e desse mesmo rancor nasce o amor cristão e junto com ela a moral dos escravos moral carregada das marcas do ressentimento.

A rebelião dos escravos na moral começou quando o ódio começou a produzir valores, o ódio que tinha de contentar-se com uma vingança imaginária. Enquanto que toda moral aristocrática nasce de uma triunfante afirmação de si mesma, a moral dos escravos opõe um ‘não’ a tudo o que não é seu; este ‘não’ é o seu ato criador (NIETZSCHE, 2002, p. 11).

A moral dos escravos, segundo o filósofo aqui estudado, “necessitou sempre de estimulantes externos para entrar em ação; a sua ação é uma reação” (NIETZSCHE, 2002, p. 11). O homem rancoroso sempre carrega consigo o seu ressentimento e não é capaz de criar valores através de seus atos, para ele a sua ação é basicamente a sua reação. Reação as coisas do mundo, negam a sua realidade, negam ao seu criador. A moral dos escravos é a moral que nasceu do ressentimento, da inferioridade, por não poder exprimir os instintos acabaram guardando dentro de si esses sentimentos negativos e se tornaram ressentidos, rancorosos. Segundo Nietzsche (2002), a nossa cultura é herança do povo Judeu, advém de uma cultura amparada pelo ressentimento e culpa, prevalecendo, assim, a força dos escravos, a força reativa.

Os dois valores opostos ‘bom e mal’ mantiveram durante milhares de anos um combate largo e terrível e ainda que, há muito tempo que o segundo valor logrou vantagem não falta ainda hoje terreno onde a luta continua com variado êxito. A luta fez-se cada vez mais alta, mais espiritual; fez o distintivo de toda a natureza superior (NIETZSCHE, 2002, p. 22).

Nietzsche, se referiu aqui à luta entre os romanos e os judeus: os romanos eram considerados os mais fortes e nobres da humanidade, sendo que “a salvação da humanidade consiste no domínio absoluto dos valores aristocratas” (2002, p. 22). Os judeus eram os povos considerados rancorosos, no qual, segundo o filósofo mencionado, possuía um gênio para a moral da plebe. Ao final da luta entre romanos e judeus venceram os judeus. “Nota-se que hoje na mesma Roma em metade do mundo e em toda parte onde o homem está civilizado ou tende a sê-lo, a humanidade inclina-se diante de três judeus e de uma judia (Jesus de Nazaré, Pedro, Paulo e Maria a mãe de Jesus)” (NIETZSCHE, 2002, p. 23). Este é o motivo, segundo o autor, pelo qual Roma foi vencida, pois foi com Jesus Cristo que a moral dos escravos passou a triunfar.

Nietzsche viveu em um período em que não se podia questionar certos valores, porém ele tomou a liberdade de questionar os valores impostos que, como dito em sua obra, já eram declarados um bem e um mal em si, enquanto algo enraizado, instituído e inquestionável. Na obra *Assim falava Zaratustra*, o filósofo alemão escreveu:

Na verdade, os homens deram a si mesmos sua regra do bem e do mal. A verdade, não a tomaram emprestado nem a encontraram; ela não lhes veio como uma voz do céu. Valores pôs o homem nas coisas a fim de conservar-se; ele que foi o que pôs valores nas coisas e um sentido, um sentido humano. Por isso chama-se ‘homem’, o que avalia (NIETZSCHE, 2007, p. 87).

Foi a partir dos seus escritos anteriores, mais especificamente na obra: *Humano, demasiado humano* (2000), que o filósofo já vinha demonstrando uma certa desconfiança sobre a questão da moral. A partir dessa obra ele passou a escrever sobre os “preconceitos morais” e a noção de valor só vem surgir para Nietzsche nas obras: *Assim falava Zaratustra* e em *A genealogia da moral*. Em seu primeiro ensaio o filósofo analisou a origem dos juízos de valor bom e mau, vinculando esses valores ao senhor e ao escravo, tipos distintos de homens que surgiram com o objetivo de explicitar a existência da moral oposta. Essa investigação mostrou as condições de como esses valores nasceram e foram se desenvolvendo e transformando ao longo do tempo: definição do valor de bom para a nobreza, nasce da vida. Nasce dos instintos.

No decorrer de toda a sua escrita sobre *A genealogia da Moral* o filósofo tratou na segunda parte da sua análise genealógica intitulada: *A "falta", a má consciência e o que nos afigura*. Sobre a explicação da origem do desenvolvimento de como foi criada consciência moral, o conceito de culpa, a ideia da dívida que tornou o homem obediente a Deus e aos seus ensinamentos. "Educar e disciplinar um animal que pode 'fazer promessas' não é a tarefa paradoxal que se impôs com respeito ao homem da natureza? Não é este o verdadeiro problema da humanidade? (NIETZSCHE, 2002, p.27). É como se todo o problema da humanidade tivesse sido resolvido a partir da força contrária de um esquecimento. Segundo o autor, a educação e a disciplina levam o homem a fazer promessas, pois esse mesmo homem está em dívida e essa dívida é eterna é só será amenizada a partir da sua obediência ao seu Deus e aos escritos do criador.

O homem reativo tem sua espontaneidade travada, pois está preso as obrigações sociais, ele não exterioriza mais suas forças, sua criatividade, ele está impossibilitado de agir, ele cria novas tensões dentro de si, não consegue usar sua força criativa, não há espontaneidade em suas ações, pois sua força ativa foi inibida. Abriu-se o caminho para o ressentimento. (CASTRO-TANAJURA, 2015, p. 45).

Para o autor o esquecimento é algo muito importante, ou seja, o esquecimento para Nietzsche (2002) é um instrumento do pensamento no qual se permite a fluidez do pensar, o esquecimento é algo sadio que limpa o pensamento e o prepara para viver novas sensações. Assim como o esquecimento é uma força positiva, é também uma força inibidora. O homem desenvolveu uma memória que era ligada ao querer. Memória que gerou a culpa ligada à dívida material, a qual tornou-se psicológica.

É nesta esfera que têm origem os conceitos morais 'falta', 'consciência', 'dever', 'santidade do dever'. Estas ideias, como tudo o que é grande sobre a terra, foram regadas com sangue. E não poderíamos dizer que este mundo nunca perdeu de todo certo cheiro a sangue e a tormentos? (ainda o imperativo categórico do velho Kant se ressentia de crueldade). (NIETZSCHE, 2002, p. 35).

Os castigos vieram com a ideia de ressarcimento da dívida. E o criador do mundo (Deus) trouxe à sua criação o máximo de sentimento de culpa

para as pessoas. A culpa é o sofrimento e a vingança o ameniza, vigando-se pregando o castigo, assim, a vingança é entendida como uma forma de justiça.

Nietzsche aponta em toda a sua obra os problemas relacionados à moral e o faz por estar certo de que a moral trouxe ao ser humano mais mazelas do que benefícios. Somos todos herdeiros dessa moral que foi construída na história da humanidade, na qual existiram forças que, segundo o filósofo, moldaram signos, significados e discursos que foram gerados sobre o homem, sobre a mulher, cujo sentimento de “vontade” foi negado, trazendo ao ser humano a máscara da culpa. Para ele, o sujeito foi sendo produzido nas relações discursivas da representante de Cristo na terra: a Igreja, ela que determinava os papéis para o homem e para a mulher, cobrando o que queria de cada um.

Ideal de castidade, disciplina, autocontrole do corpo e do espírito viver se resumia a ser obediente. E assim esses valores morais eram repassados para a população pela figura do sacerdote com propósito de aliviar o sofrimento. Para isso, todos teriam que obedecer, mas não tinham nenhuma garantia de que não iriam sofrer na vida. A confissão era uma prática comum aos religiosos e, com a Contra Reforma, os países católicos passaram a acelerar o ritmo da confissão anual:

Porque tenta impor regras meticulosas de auto exame; mas sobretudo porque concede cada vez mais importância na penitência- e talvez à custa de alguns outros pecados- a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos conjuntos da alma e do corpo- tudo isso tem agora de entrar, e em pormenor, no mecanismo da confissão e da direção. (FOUCAULT, 1976, p.23).

Nada deveria deixar de ser dito, tudo teria que ser examinado: pensamentos, palavras e ações. Todo bom cristão estava sujeito a ser escutado através da figura do sacerdote para serem orientados a não mais pecar. A vontade da carne era negada, o sexo permanecia na sombra e no segredo da negação e, para o alívio das dores pecaminosas, os fiéis tinham que cumprir a penitência ordenada pelo sacerdote. “ Quebrar as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos equivalia de qualquer maneira a uma condenação”. (FOUCAULT, 1976, p. 42) e todo e qualquer comportamento que distanciar-se

das regras estabelecidas pela igreja, sofriam as punições. O sujeito estava fadado a uma eterna dívida com Deus pelos seus atos considerados pecaminosos. Sobre a confissão Foucault (1976) afirmou que:

[...] a confissão tornou-se, no ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir o verdadeiro. Tornámo-nos, desde então, uma sociedade singularmente confidente. A confissão difundiu longe os seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na ordem mais quotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, confessam-se os pecados, confessam-se os pensamentos e os desejos, confessam-se o passado e os sonhos, confessa-se a infância; confessa-se as doenças e as misérias; as pessoas esforçam-se com a maior exactidão por dizer o que há de mais difícil de dizer; confessam-se em público e em privado, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles que amam; a si próprias fazem, nos prazeres e nos desgostos, confissões impossíveis a qualquer outro, e com que se fazem livros. As pessoas confessam- ou são forçadas a confessar [...]. (FOUCAULT, 1976, p. 63).

Segundo Foucault (1976), desde a Idade Média, o homem, no ocidente, tornou-se um animal de confissão. Essa “obrigação” de confessar está profundamente incorporada em nós. A ordem dada a todos os cristãos é que se confessem sempre, sem omitir uma só falha.

A consciência de ter uma dívida para com a divindade não terminou com estabelecimento da organização social. Assim como a humanidade herdou os conceitos ‘bom’ e ‘mau’ da aristocracia e também a sua propensão para estabelecer classes distintas, assim o mesmo caminho da herança transmitiu a divindade dos fundadores da raça e o temor de os não haver honrando bastante (está marcada a transação por vários extratos de populações escravas e dependentes que se acomodaram ao culto dos seus senhores, ora por necessidade ora por servilismo e imitação). (NIETZSCHE, 2002, p.56 e 57).

Essas marcas do ocidente cristão foram sendo disseminadas por toda a humanidade trazendo toda a noção da culpa e do assujeitamento impregnado em todas as pessoas. “O advento do Deus cristão, que é a expressão mais alta do divino, produziu também o máximo do sentimento de obrigação” (NIETZSCHE, 2002, p.57), mas uma obrigação com Deus, trazendo a ideia de dívida e de devedor.

Na obra: “Para Além do Bem e do Mal”, Nietzsche (2006) definiu que a vida “[...] é essencialmente uma apropriação, uma violação, uma sujeição de

tudo que é estranho e fraco. Significa opressão, rigor, imposição de formas, assimilação, ou pelo menos na sua forma mais suave, um aproveitamento, uma exploração (p.159). O que podemos compreender após essa citação é que o filósofo encarou a moral cristã como uma negação a vida.

Embora não tão explícito, dentro das narrativas dos contos existem entre a fantasia e o lúdico os resquícios desse passado, pois suas histórias serviam para propagar a moral e os bons costumes para a sociedade. E não só isso, havia também a disseminação do medo, pois todos teriam que seguir normas de disciplinamento, sem ter o direito a se pronunciar contra essas normas. E esses contos foram durante muito tempo um instrumento para moldar crianças e jovens, a partir do que lhes era contado e, assim, reproduzido.

A moral não é algo inseparável do homem, não é um dado imutável. A moral é algo que foi desenvolvida e criada pelo homem. “Ela se diferencia da ética, porque possui um conjunto de comportamentos e verdades que se universalizaram e se tornaram constitutivos de um tempo e de uma subjetividade específica”. (FELDENS, 2014, p. 118-119). A moral vai criar os valores do bem e do mal que serão impostos e reproduzidos.

Tais vestígios desses valores morais recaíram sobre a mulher no mundo contemporâneo, trazendo um passado ancorado no discurso de moral dos contos de fadas e que acaba envolvendo o imaginário de muitas crianças e adultos. As princesas, o castelo, o príncipe e o final feliz escrito nas histórias consideradas por vezes “inocentes” são capazes de determinar certos comportamentos que normatizam o jeito de ser e de pensar de crianças/meninas.

Sobre essa normatização de corpos, foi criada uma escola que se diferencia das outras por ensinar, explicitamente, um perfil para a mulher aos moldes do tradicionalismo do ocidente cristão. Ensinam a ser princesas a partir das histórias dos contos de fadas dos Grimm, com um ideal de feminilidade a ser seguido, tendo como foco principal o casamento.

#### 4.1 Uma escola de princesas: a reinvenção de como ser mulher

Os poderes produzidos pelo regime de poder disciplinar de uma sociedade servem como mecanismo para moldar os sujeitos. É preciso controlar para disciplinar os corpos. A escola de princesas, um espaço pensado e construído para fabricar o sujeito pela normatização, apelando para a necessidade de transmitir valores morais e tradicionais, para que suas alunas possam ter uma vida ancorada pela moral e bons costumes. Não respeitando a singularidade de cada uma delas, pois com a moral a singularidade deixa de existir, ela não acontece!

Seria, talvez, incompreensível pensar em uma escola que em pleno século XXI que traduz o que foi dito nas narrativas dos contos de fadas do século XVIII e XIX tratados anteriormente, mostrando através deles como suas histórias atreladas à moral de seu tempo produzem subjetividades a partir dos discursos de moralização inseridos em seu contexto, mostrando ainda o papel criado sobre mulher na sociedade ocidental que foi se reproduzindo como uma verdade fixa e imutável.

Ainda assim é complicado pensarmos em uma escola que tem como idealizadora uma “mulher” em seu comando, uma educadora que está reproduzindo um discurso que ao me ver é considerado totalmente obsoleto, possivelmente essa professora tenha tido uma educação regrada com base em certos ensinamentos que nem percebe que está impregnada de tal moralismo tradicionalmente visto nos contos dos Grimm. Refiro-me aqui a chamada “Escola de Princesas” que, ao contrário do que dizem os contos de fadas, as meninas que lá estudam não nasceram princesas, elas são moldadas para se transformar em princesas e reproduzir valores ultrapassados.

A Escola de Princesas é um projeto voltado para meninas de 04 a 15 anos iniciado na cidade de Uberlândia desde 2013. A escola remonta os tradicionais contos de fadas, vivenciados na contemporaneidade por meninas de que estão sendo moldadas desde cedo a se comportar como princesas. Valores

tradicionais lhes são atribuídos. Segundo o site da escola “o passo mais importante na vida de uma mulher, sem dúvida nenhuma, é o matrimônio. Nem mesmo a realização profissional supera as expectativas do sonho de um bom casamento. Enfim, a ideia do ‘felizes para sempre é o sonho de toda Princesa”. O casamento é dado como o passo mais importante da vida de uma mulher.

A ideologia dessa escola me remeteu a algo dito na minha infância pela minha professora: “Toda mulher é uma princesa e você também será quando crescer, terá seu castelo e seu Príncipe! ”. O tão chamado final feliz com o enlace matrimonial é evidenciado novamente aqui como se o casamento fosse o único e principal objetivo da vida de uma mulher. Somos muito mais do que Cinderelas que esperam um príncipe. Somos independentes, conquistamos o nosso espaço ao longo de toda a história e somos responsáveis por nossas próprias mudanças de vidas. Mas o que é na verdade a “Escola de Princesas”? e qual a sua missão? O site da empresa responde a essas perguntas, destacando que:

A ESCOLA DE PRINCESAS é um projeto criado para levar ao coração de meninas, valores e princípios morais e sociais que as ajudarão a conduzir sua vida com sabedoria e discernimento. É sobre a tratar a todos com bondade e generosidade, ter valores e princípios imutáveis independentes de modismos, assim como acreditar apaixonadamente em si mesma e em seus sonhos.

A MISSÃO DA ESCOLA é oferecer serviços de excelência que propiciem experiências de natureza intelectual, comportamental e vivencial do dia a dia da realeza, para meninas com idade entre 4 e 15 anos que sonham em se tornar princesas e fazê-las resgatar a essência feminina que existe em seus corações.<sup>21</sup>

A Escola de Princesas oferece cursos, eventos e festas. Tudo voltado para o público feminino. Os cursos oferecidos são para ensinar como funciona a vida de princesa a partir de uma visão fantasiosa dos contos de fadas, oferecendo aulas sobre “a identidade de uma princesa”. Os cursos estão divididos em duas modalidades, a primeira diz respeito aos “relacionamentos de

---

<sup>21</sup> Disponível em < <http://escoladeprincesas.net/ws/#a-escola> > acesso em 18 de setembro 2015.

princesas”, e faz parte desse módulo os cursos: “etiqueta de princesa” e “estética de princesa”.

Sobre o curso “relacionamentos de princesas”, esse enfoca a importância dos relacionamentos e de como mantê-los saudáveis para a vida toda. Dentro dessa modalidade está o curso etiqueta de princesa o qual são ensinados os bons modos à mesa para um jantar sofisticado. O curso “estética de princesa” ensina que:

A aparência pessoa é o cartão de visita de qualquer pessoa. Através dela, as pessoas conseguem fazer a leitura total e parcial de tudo aquilo que somos, e até possuímos. Se quisermos causar boas impressões, à primeira vista é o nosso caráter eterno que irá nos revelar.<sup>22</sup>

Um ideal de feminilidade comparado à beleza burguesa Europeia que traz como foto de apresentação de capa sobre “as características de uma princesa”, uma menina branca, magra de olhos claros. Descrevendo a garota ideal e não só isso, prescrevem o que pode ser feito para atingir o seu objetivo dentro do mundo idealizado das princesas que é torna-se uma mulher que possa ter todos os atributos para ter um dia seu castelo e seu príncipe, ensinando como devem se vestir, como se comportar em um jantar sofisticado e como devem cuidar de seus relacionamentos para que possam ser duradouros.

Aqui os signos que importam são aqueles que possam causar uma boa impressão para a sociedade, não deixando que essas meninas sejam livres para escolher o que querem ser e fazer na vida. A beleza nos contos de fadas está associada à ternura e delicadeza de uma princesa, enquanto que a feiura está associada à maldade, no caso do aparecimento de bruxas em algumas narrativas. Sobre os contos de fadas Beauvoir (1967), afirmou que:

A mulher é a Bela Adormecida no bosque, Cinderela, Branca de Neve, a que recebe e suporta. Nas canções, nos contos, vê-se o jovem partir aventurosamente em busca da mulher; ele mata dragões, luta contra gigantes; ela acha-se encerrada em uma torre, um palácio, um jardim, uma caverna, acorrentada a um

---

<sup>22</sup> Disponível em <http://escoladeprincesas.net/ws/#caracteristicas> acesso em 12 de março de 2016.

rochedo, cativa, adormecida: ela espera. 'Um dia meu príncipe virá...' [citando uma das canções do filme Branca de Neve e os Sete Anões] Os refrões populares insuflam-lhe sonhos de paciência e esperança. A suprema necessidade para a mulher é seduzir um coração masculino; mesmo intrépidas, aventureiras, é a recompensa a que todas as heroínas aspiram; e o mais das vezes não lhes é pedida outra virtude senão a beleza. (BEAUVOIR; 1967, p. 33).

A segunda modalidade que para escola é a mais importante é o curso “castelo de princesa” e faz parte desse módulo o curso “de princesa a rainha”. No curso “castelo de princesa” a menina aprende que: “Toda princesa mora em um castelo, e quando vir a ser Rainha. Terá também o seu próprio castelo. Mas para isso, toda princesa deve saber como mantê-lo em ordem e em bom funcionamento, ainda que seja somente para dar ordens a seus funcionários[...]”.<sup>23</sup>

A escola oferece aula de organização e bom funcionamento doméstico nessa modalidade, ensinado as meninas a se preparar para o segundo passo do curso “De Princesa a Rainha”, onde é feita a preparação dessa menina para o casamento destacando a importância do enlace matrimonial na vida de uma mulher, pois na escola essas meninas estão aprendendo que nem mesmo a realização profissional supera o sonho de um “bom casamento”.

O que se tornarão essas meninas? Cinderelas da contemporaneidade? São os discursos construindo o significado de ser mulher. O ideal de feminino é constituído aqui como uma lógica patriarcal que delimita os modos de agir e de pensar dessas meninas. “São múltiplas as práticas sociais, as instituições e os discursos que cercam os sujeitos, produzindo e reproduzindo identidades, produzindo e reproduzindo diferenças, distinções e desigualdades”. (LOURO, 1998, p. 87). Meninas que crescerão acreditando na espera de um príncipe encantado e os discursos do “final feliz”, com o casamento, ficará enraizado em seu inconsciente feminino.

---

<sup>23</sup> Disponível em <http://escoladeprincesas.net/ws/#caracteristicas> acesso em 18 de setembro de 2015.

As histórias dos contos de fadas no qual busquei estudar o feminino a partir de seus personagens principais, demarcam de maneira concreta a posição da mulher nas narrativas colocando a mulher como dona de uma docilidade ímpar, destinada ao lar e a obedecer. Os valores que a Escola de Princesas está resgatando para as meninas são “marcas” de uma sociedade ocidental cristã.

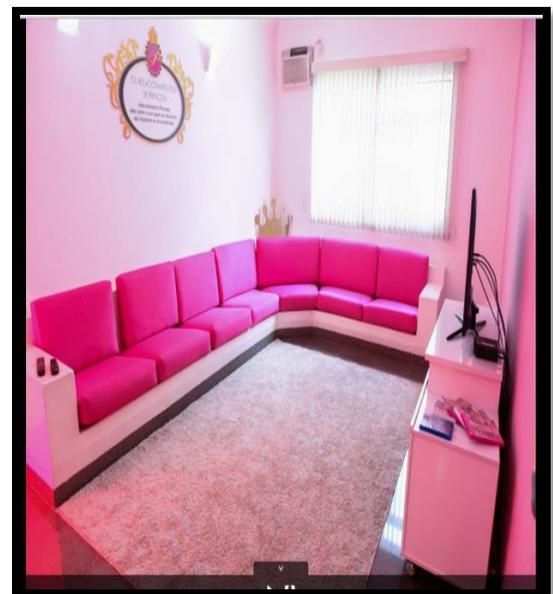
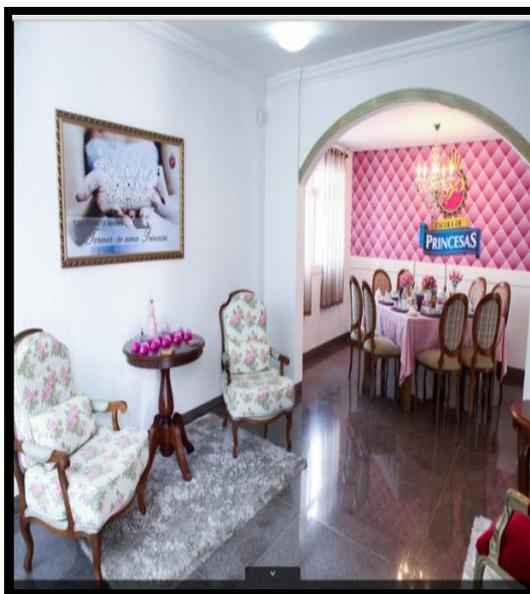
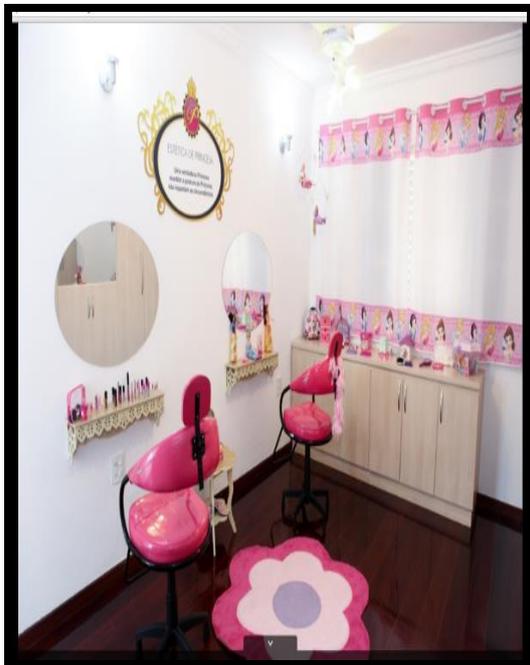
Sujeito é invenção, como é a infância e a mulher. Invenção de um tempo em uma cultura. Invenção do ocidente em nós. Invenção que, como as demais, traz uma série de sentidos e significados, de signos que vão compondo um jeito de ser, precarizando a potência de ramificação, as multiplicidades de que a vida é capaz. (FELDENS, 2014, p.113).

Cria-se um marketing da instituição a partir de uma menina, que tem uma determinada faixa etária de 04 a 15 anos de idade. Onde se fez um planejamento econômico de “trocas” que beneficiará ambos os negociantes (os responsáveis dessa menina e os donos da empresa). E para essa menina inventa-se um discurso de verdade sobre sua vida, sobre seu corpo. Ela receberá doses de princípios morais e religiosos para a normatização de seu comportamento de mulher que deve ser pura, recatada, devota e, principalmente, fiel aos princípios moralistas da religião. E assim será moldada com regras de obediência. Estão inventando uma mulher, estão negociando um modelo de mulher e regulando seu espaço.

Ressalta-se que os contos de fadas da literatura infantil, dos desenhos animados e dos filmes sugerem para as crianças certos comportamentos e identidades sociais que regulam suas vidas, produzindo subjetividades, ensinando o que é ser criança, ser mulher, ser homem.

A estrutura da escola remete aos contos de fadas, toda decorada na cor rosa e, assim como nas narrativas dos contos, cada cantinho dela é utilizado para algum ensinamento. E são nesses “cantinhos” que as princesas/meninas em formação fazem suas atividades. A escola é cor de rosa, planejada para o agrado do gosto infantil movido pela fantasia dos contos de fadas, tudo para fazer brilhar os olhos das futuras princesinhas e que são levadas pelo

encantamento do mundo das princesas, passando a fantasiar um mundo mágico à sua volta.



**Foto 05:** Os espaços da escola, onde são realizados os cursos destacados anteriormente.  
**Fonte:** <http://escoladeprincesas.net/ws/#galeria-de-fotos>.

Para atingir a ascensão de princesa a rainha é preciso que a menina passe antes por todos os ensinamentos que lhe servirão de suporte para que ela possa ser futuramente uma boa esposa e boa mãe e, assim, conseguir manter seu casamento duradouro. Essas meninas também têm aulas sobre educação sexual que visa orientá-las a se guardarem para os seus futuros maridos. Como no período vitoriano, que nos faz compreender esse processo. Naquele período a sexualidade das mulheres era severamente regulada para assegurar a pureza a seus futuros esposos e por questões de saúde, devido as epidemias da época, mas principalmente por questões de moralidade pessoal. Porém havia uma certa dose de hipocrisia nessa história, pois enquanto regulavam e controlavam a sexualidade feminina, ao mesmo tempo as prostitutas eram abundantes e a sexualidade masculina não era controlada. E não só isso, havia na época, segundo <sup>24</sup>Weeks em seu texto: **Em um corpo e a sexualidade**. Citado na obra de Louro (2015) que:

[...] em muitas sociedades ocidentais- havia uma preocupação urgente com as vantagens do controle da natalidade ('planejamento familiar'), a fim de assegurar que as famílias fossem constituídas pelo tipo certo de indivíduo, bem como uma preocupação com os papéis apropriados para homens e mulheres (especialmente mulheres) na família, no admirável mundo novo da democracia social. (p. 53).

Foram o muitos os discursos utilizados na sociedade ocidental sobre a mulher, o que talvez a idealizadora dessa escola, não tenha conhecimento, e reproduz o mesmo discurso de moral que constroem uma verdade sobre o conceito de ser mulher. E, assim, vai modelando seus “cordeirinhos”, prescrevendo o que podem e devem fazer para atingir seu objetivo final: ser Rainha e pertencer a um Rei!

Sobre os eventos e festas que são realizados nessa escola em que as alunas devem participar, uma vez que estão aprendendo a se comportar como princesas e devem estar preparadas para todos os eventos sofisticados do meio social que porventura irão se envolver, estão entre os cursos o chá de princesa,

---

<sup>24</sup> WEEKS, J. **Sexuality and its discontents**: meanings, myths and modern sexualities. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1985.

encontros de princesa, aniversário de princesa e tarde de princesa. Reitera-se que são cursos destinados somente para as meninas, sendo proibida a entrada de meninos em qualquer espaço da escola, mesmo que seja um irmão de uma futura princesinha ou outros que podem ficar curiosos em conhecer, porquê são crianças e crianças são curiosas, adoram a novidade.

Segundo o site da escola. <sup>25</sup>“A cada lição, as meninas são encorajadas a aproveitar as qualidades positivas do caráter e do comportamento de Princesas – tanto reais quanto fictícias, bem como históricas ou modernas -e aplica-las em sua vida”. Foucault em sua obra: Vigiar e Punir (2005) dizia que: “A disciplina fabrica indivíduos: ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”. (p.153). Essas meninas estão sendo vistas como um “negócio” tanto para idealizadora do projeto, quanto para os responsáveis.

Estão sendo fabricadas sutilmente e como já dizia Foucault (2005) “[...] é um poder modesto, desconfiado, que funciona ao modo de uma economia calculada mais permanente[...]”. (p.153). A escola possui três unidades franqueadas, dentre elas estão: uma na cidade de Belo horizonte e as outras duas em Uberaba (MG) e Itatiba (SP). E segundo os idealizadores desse projeto os planos para o futuro é que o projeto da Escola de Princesas possa se expandir por todo o Brasil.

---

<sup>25</sup> Disponível em < <http://escoladeprincesas.net/ws/#a-escola> > acesso em 10 de março de 2016.



**Foto 06:** Chá de Princesas, meninas em curso de etiqueta.

**Fonte:** <http://escoladeprincesas.net/ws/#galeria-de-fotos>.

A “O chá de Princesas” que a escola oferece, como mostrado na imagem acima, é um Workshop onde são ensinados princípios de etiquetas à mesa e como se portar como uma Princesa. Todas as meninas estão vestidas como se realmente estivessem em um palácio, vestidas como as princesas são idealizadas dentro do contexto da história onde só lhe são repassados o lado lúdico e belo.

A Cinderela, dos Grimm, em sua fase de borralheira jamais se sentava à mesa com as filhas da madrasta pois está era considerada por elas apenas como uma serviçal. “ Essa pateta vai se sentar conosco na sala? – Perguntavam elas. Quem quer comer pão tem de trabalhar para ganhá-lo; vá se sentar como ajudante de cozinha”. (ESTÉS, 2005, p.55). E a moça servia suas meio irmãos e cuidava da casa!

No momento em que foi anunciado o baile, Cinderela quis acompanhar as filhas da madrasta e pediu à madrasta licença para ir também. “Você, borralheira! - exclamou.- Ora , você está coberta de cinzas e sujeira. Você ir ao festival! Nem ao menos tem roupas e sapatos, e ainda assim quer ir ao baile?”. (ESTÉS, 2005, p.56). E depois disso a madrasta jogou um prato de

lentilha no borralho e pediu para que a moça catasse em dentro de duas horas, caso ela conseguisse, deixaria que fosse ao baile.

Percebemos, então, a contradição de que a princesa em seu castelo não poderia se dar ao luxo de estar sentada tomando chá com as amigas. Não é isso que a versão dos contos de Grimm dizem. Assim também como não foi fácil para a moça sair das condições em que estava. E só saiu quando casou com o príncipe! A vida fantasiosa de uma princesa está sendo exposta e ensinada nessa escola.

Segundo o site da empresa os idealizadores do projeto acreditam na <sup>26</sup>“construção de um caráter sólido e incorruptível, resgatando os valores éticos e morais, na civilidade básica”. Percebemos o quanto ainda estamos impregnados das marcas da sociedade ocidental cristã do passado e o quanto esses resquícios ainda hoje recaem sobre as crianças e, principalmente, sobre as meninas. A idealizadora do projeto, a psicopedagoga Nathália de Mesquita conta em entrevista ao “Jornal o Tempo” que:

[...] a ideia da Escola de Princesas veio de um sonho no qual ela visualizou o local. Foi então, que ela desenvolveu o projeto motivado pelo desejo de repassar às garotas ensinamentos perdidos no tempo, mas que vinham das avós e mães. ‘Elas aprendem a se organizar, a serem independentes com suas coisas, a cuidar da casa, a se comportarem e a ter valores morais. Junto com as aulas práticas, tentamos passar tudo isso’, afirma a empresária, ressaltando a importância dos valores cristãos’. (FERREIRA, Barbará. Escola de princesas prioriza papel tradicional da mulher. **Jornal o Tempo**, Belo Horizonte, 25 out. 2015). <sup>27</sup>

Nessa instituição de modelagem feminina e disciplinamento dos corpos, as meninas vivem um retrocesso na história das mulheres. Pois nos dias atuais nem todas as mulheres pensam em casar-se. A vida profissional para muitas e a mais importante e a busca de mais espaço na sociedade também. A idealizadora do projeto trouxe valores morais arcaicos para serem ensinados e conseqüentemente reproduzidos por essas crianças. A mulher está sendo

---

<sup>26</sup> Disponível em < <http://escoladeprincesas.net/ws/#a-escola> > acesso em 05 de Janeiro de 2016.

<sup>27</sup> Entrevista disponível em: < <http://www.otempo.com.br/cidades/escola-de-princesas-prioriza-papel-tradicional-da-mulher-1.1149024>. > acesso em 05 de Janeiro de 2016.

“fabricada” para cumprir regras, normas e valores morais nessa escola de agenciamentos. A verdade está sendo ensinada a essas meninas, ser mulher, como se comportar, e de que forma agir? A verdade investigada por Foucault na modernidade é a que segue modelos (normas) produzidas na própria formação que os torna sujeitos assujeitados e obedientes. Obedecer! Prestar a obediência e ser boazinha para com o próximo foi um dos princípios norteadores do conto da Chapeuzinho Vermelho.

Nossa sociedade ocidental, cristã e patriarcal tem reiterado valores que conduzem as mulheres a enquadramentos sociais, que seriam um modelo do que ser, e que induz demarcações de comportamentos que correspondem a padrões socialmente impostos. Estas imposições e demarcações subjetivam gestos, hábitos, comportamentos, entre tantas maneiras de ser e de agir, que delimitam o certo e o errado, que definem moralmente e culturalmente modelos de mulheres. São subjetividades produzidas maquinicamente e compõem-se em significações no campo invisível, com marcas sutis, que impõem enquadramentos e toda uma carga moral. (SANTOS, 2012, p. 30).

Ensina-se a ser mulher, ensina-se a ser a Cinderela domesticável. Nessa instituição as meninas além das aulas de etiquetas, aprendem corte e costura, culinária, e como arrumar uma mesa para servir futuramente seu marido e sua família. Uma escola que criou o significado de “ser mulher” e que aponta um comportamento, que dá um destino a ser seguido. Segundo GUATTARI E ROLNIK, (1999). “A subjetividade é produzida por agenciamento de enunciação[...]”. (p. 31). Subjetividades estão sendo produzidas nessa escola de agenciamento que vai se materializar mais tarde na vida cotidiana dessas meninas, no mundo das máquinas de subjetivação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Ainda há caminhos para percorrer...**

Subjetividades, mulher, gênero, discurso e moral, foram conceitos que percorreram toda a trajetória da escrita desse trabalho. Penso que “conclusão” não é a palavra certa para esse momento diante das infinitudes de coisas que ainda podem ser ditas e pensadas sobre o assunto em questão. Alguns pontos foram lançados para pensar a construção da subjetividade feminina através dos contos de fadas dando a oportunidade para que outros pesquisadores possam se guiar por esse caminho e ir mais além. É por esse motivo que prefiro dar um outro título ao que chamamos de “conclusão de um trabalho”.

O objetivo do trabalho foi a reflexão acerca da construção de subjetividades femininas a partir das narrativas dos contos de fadas: Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho vermelho, para tanto tomei por base os “discursos” existentes sobre o papel da mulher nessa literatura infantil, onde por sua vez é reproduzido pela “escola de princesas” na contemporaneidade como referido na última seção desse trabalho, que nos mostrou que o poder reiterativo de um “discurso” produz e regula mulheres ainda nos dias atuais.

As histórias dos contos de fadas reiteraram que há um fenômeno histórico por trás desse “discurso de verdade” que se iniciou na sociedade ocidental cristã e patriarcal, onde suas estratégias de disciplinamento se davam a partir da ideologia da Igreja, era ela que detinha o controle da sociedade e, devido a isso, tudo era limitado ao segredo e ao privado. A população aprendia através dos ensinamentos a ter vergonha e a culpa, e experimentavam a censura e o controle de suas vidas através da moral que não deixava a singularidade acontecer.

Essa reprodução discursiva deu característica ao homem e a mulher e isso foi sendo reproduzido nas narrativas dos contos de fadas que vêm

traduzindo em suas histórias a visão de mundo do autor perante os acontecimentos daquela sociedade. Os contos escolhidos para esse trabalho foram escritos com o intuito de instruir e tinham em seu discurso a pedagogia da moral, conforme evidenciado nessa pesquisa.

Quando tomei a liberdade de na segunda seção narrar a minha própria trajetória de vida, fiz porque estou convicta de que em um mundo não tão distante da fantasia dos contos de fadas, existiram fatos e acontecimentos que perpassam toda essa moral que trazemos como resquícios de um peso do passado. Que vem desde o discurso da professorinha ao me dizer que “toda mulher se tornará uma princesa, porque terá um castelo e se casará com um lindo príncipe”, discurso que traduz muito do que foi repassado um dia para essa mulher que está impregnada de certos moralismos capazes de reproduzir as marcas deixadas pela sociedade ocidental.

Para a compreensão dessas “marcas da moral” deixadas pelo ocidente cristão em nós, trouxe o procedimento genealógico nietzschiano, no qual Nietzsche buscou analisar os juízos de valor bom e mau, e, a fim de fazer a interpretação dos valores morais, o filósofo se utilizou da genealogia para entender como tais valores foram criados. Ele realizou esse estudo por constatar tamanha urgência no campo da moral. De fato, foi o primeiro filósofo a indagar o valor dos valores no período em que se tornava incoerente questioná-los. “A filosofia crítica (de Nietzsche) tem dois movimentos inseparáveis: referir todas as coisas e toda origem de alguma coisa a valores; mas também referir esses valores a algo que seja sua origem e que decida sobre seu valor”. (DELEUZE, 1976, p.01). A genealogia nietzschiana consiste em compreender como os valores foram instituídos, como se desenvolveram e também de que forma foram modificados.

Para entendermos a moral que perpassa as histórias dos contos de fadas, tivemos que adentrar a fase genealógica de Nietzsche (2012) e compreendermos como foram sendo construídos os juízos de valores morais dentro da sociedade. O que nos deixou claro que a moral nos discursos dos contos modelou mulheres, pela moralização dos costumes de um tempo, trazendo seus resquícios para os nossos dias.

Embora algumas leituras que estejam ligadas ao lúdico com o objetivo de entretenimento para o público infantil e consideradas “inocentes”, ainda assim devem ser analisadas, pois não deixaram de ser produtoras e reguladoras de subjetividades. A figura da princesa surge como modelo de feminilidade seduzindo fantasiosamente meninas refletindo sobre a suas subjetividades, fixando um modelo de mulher e uma forma idealizada de pensar sobre o amor e esperar um alguém que possa ser fiel e protetor como um príncipe encantado.

O que a Escola de Princesas está ensinando para meninas de 04 a 15 é que: “Nem mesmo a realização profissional supera as expectativas do sonho de um bom casamento. Enfim, a ideia do ‘felizes para sempre’ é o sonho de toda Princesa”. Ou seja, a mulher só será feliz pelo casamento, este é o objetivo principal dessa escola, formar mulheres para pensar com base nas histórias dos contos de fadas.

É fato que as histórias tradicionais contadas através da oralidade nos ensinam muito do que foi vivido em uma dada época, em um dado momento histórico, ou seja, a memória histórica dessas narrativas é importante para fazermos contrapontos com os dias atuais.

Dessa forma, penso que a memória que traz as marcas de tudo que nos foi imposto pela sociedade ocidental cristã, capaz de criar sujeitos assujeitados por suas ordens e ao seu poder moralizador, devem ser mesmo esquecidas, com intuito de não fixar a sua morada em nós. Assim, não ficaremos impregnados de certos conceitos que a moral criou e não reproduziremos seus discursos de verdades.

A hipótese inicial dessa pesquisa era que os contos, através de seus signos e significados, produziam subjetividades por intermédio de um discurso de verdade amparado pela moral. Essas narrativas são instâncias consideradas educativas que circulam também concepções de gênero, sexualidade, raça, classes sociais etc. e que modelam o jeito de ser de meninas. Quando falamos no feminino lembramos dos estudos de gênero e a construção de uma identidade feminina, influenciada também pelos discursos.

Penso que esse questionamento se constituiu como verdadeiro, pois a partir dessa compreensão pude perceber que a forma como são repassadas essas histórias, em sua maioria, de uma forma errônea, é capaz de criar no imaginário infantil um ideal de feminilidade a ser seguido. Acredito sim, que a literatura dos contos de fadas sejam ainda instrumentos propagadores de uma moral tradicional e histórica.

Na seção que versa sobre as narrativas dos três contos de fadas que trabalhei nessa pesquisa fiz um breve resumo de cada história para mostrar a versão tradicional dos Grimm e comentei sobre cada uma delas, analisando-as. Percebeu-se que alguns sentidos das narrativas apontam para a repetição do contexto da história em contos renovados, pois foram poucas as modificações até hoje, em se tratando dos contos que fizeram parte do meu objeto de estudo. Uma vez que ainda nos mostra uma mulher estereotipada pelo mundo ocidental da Idade Média, pois a narrativas e seus narradores estarão sempre assujeitados ao processo histórico que acabam por determinar uma escrita moldada pela moral de seu tempo.

A Cinderela domesticável no próprio lar que por sorte o príncipe a encontra, apaixonou-se por ela e os dois casam e a moça deixa de ser a borralheira. A Branca de Neve, que teve sua fase de doméstica na casa dos anões em troca de ajuda e moradia, pois corria perigo por sua beleza estonteante que causava inveja à rainha. A moça demonstrava, por vezes, ser inocente em relação aos planos da Rainha má, quando está a enganava indo à casa dos anões disfarçada de camponesa boa, vendedora de algo. Mas, na verdade, queria matar Branca de Neve que, ao final, acaba envenenada e levada pelo príncipe que se apaixonou por sua beleza mesmo estando desacordada. Ao despertar, o belo final feliz do tão sonhado casamento com um homem que iria lhe dar a proteção.

A Chapeuzinho Vermelho que deve prestar a obediência e não falar com estranhos e muito menos se desviar dos caminhos que sua mãe a orientara ir. O discurso moralizante está na fala de sua mãe, que visa conduzir o comportamento considerado “correto” para aquela sociedade, pois a função da

mãe era zelar pelos bons costumes, enquadrando Chapeuzinho nos padrões morais que aquela sociedade acreditava.

É importante salientar que quando faço referência à escola de princesas é para mostrar como, ainda nos dias de hoje, é muito forte o discurso que opera sobre a mulher e seu papel e como a construção da moral é também muito intensa em nosso meio. Assim, uma escola que remete aos contos de fadas tradicionais dos Irmãos Grimm e suas princesas construídas historicamente por uma sociedade do passado, traz uma “verdade” sobre a mulher considerada para alguns “errada” e para outros “certa”, mostrando a diversidade de opiniões e que os sujeitos são construídos de maneiras distintas.

Nesse sentido, as histórias de personagens envolvem a imaginação de meninas e as incentivam a seguir um padrão de beleza burguês e que diz respeito à magreza e à delicadeza, onde meninas/mulheres são convencidas a acreditar que precisam ter a beleza comparada a de uma princesa para que o melhor aconteça. Histórias que ensinam como pensar e agir, que normatizam comportamento, que têm dupla utilidade em seu processo educacional e pedagógico, configuram-se como narrativas que possibilitam a confirmação de valores morais do mundo ocidental. Valores considerados ultrapassados que através da reverberação discursiva produzem uma verdade para a mulher, para seu corpo e para a sua vida, produzindo subjetividades!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem: **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR. Paschoal, 2004.

BARROS, R. B. de. Dispositivos em ação: *o grupo*. In: PELBART, P. & ROLNIK, S. (orgs.). **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP. São Paulo, v.1, nº.1, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. O narrador. In: **Textos escolhidos**. Tradução de Erwin Theodor Rosental. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 63-81.

BENTHAM, Jeremy. **Panopticon; or, the Inspection-House**. T. Payne, London, 1791.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. In: **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. Vol. VII. nº. 2, p. 451-478, Fortaleza, set/2007.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo – A experiência vivida**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.

CASHDAM, S. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas**: como os contos influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CASTRO-TANAJURA, Laudelino Luiz. **Os seres da diferença**: cartografias de professores na produção de saberes ambientais. Orientação [de] Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Dinamara Garcia Feldens – Aracaju: Unit 2015 em Dissertação (Mestrado em Educação).

COELHO, N, N. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

COELHO, N, N. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. 4. ed. São Paulo, Ática, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: Símbolos, mitos, arquétipos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **Infância e educação – Era uma vez – quer que conte outra vez?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CORAZZA, S. Pesquisar o acontecimento: estudo em XII exemplos. In: TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, P. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 7-78.

CORAZZA, Sandra Mara. **História da Infância sem fim**. 2. Ed.- Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

DARTON, Robert. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 2a ed. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2006.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução: Pedro Eloí Duarte. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2012.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a Filosofia**; tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffity Dias. – Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Contos do Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

FELDENS, Dinamara G. **A trama e o destino**: Luizias, Rosas, Bias & Joanas-Macéio: EDUFAL, 2014.

FELDENS, Dinamara G. **Cartografias da ditadura e suas moralidades**: os seres que aprendemos a ser. Maceió, Edufal, 2008.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1994.

FOUCAULT, Michel, **História da sexualidade 2** – o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **Subjetividade, infância e filosofia da educação**. In: GHIRALDELLI, Paulo Jr. (org). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 83-100.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002.

LA FONTAINE, J. **Fábulas completas**. São Paulo: Cultura, 1940.

LE GOFF, Jacques. O homem medieval. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LE GOFF; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. História. In: \_\_\_\_\_ **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na Educação/ Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner( Organizadoras). 9. Ed.-Petrópolis RJ: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista.Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes (1998). O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A.

LOURO, Guacira Lopes, (org.). **O corpo educado**- Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Rio de Janeiro: Vozes,2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Genealogia da moral** São Paulo: Centauro, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Centauro, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano Demasiado Humano** (tradução de Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. São Paulo: Paulus, 2005.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In PRIORE, Mary Del. (org). **História das mulheres do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização**. In: Cultura e subjetividade. Saberes Nômades (org.) Daniel Lins. Papyrus, Campinas 1997; pp.19-24.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade fronteiras com a ética e a cultura**. In: Núcleo de Estudos da Subjetividade pós-graduação em psicologia clínica da puc-sp. s/d. disponível em:<

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubjetic.pdf>. >  
acesso em: 01/09/2015.

SANTOS, Aldenise Cordeiro: **A educação no canto do Uirapuru: subjetividades de mulheres no movimento escoteiro**. Aracaju: UNIT, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tiradentes, Aracaju, 2012.

SOUZA, Angela Leite de. **Conto de fada: Grimm e a literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Lê, 1996.

SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil de análise histórica: educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 71-99, jul./ dez., 1995.

BICALHO, Elizabete. **A mulher no pensamento moderno**. In: Estudos de gênero. Universidade Católica de Goiás. Goiânia, Ed. UCG, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: ALVES-MAZZOTTI, Alda et al. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP/A, 2000, p. 9-20.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A república dos sonhos, de Nélide Piñon: a trajetória da emancipação feminina**. 2001. 285 f. (Tese de Doutorado). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, UNESP. 2001.